

2022

Livro de resumos do 1° SAMIS



Arisa Araújo da Luz

Cristiane Barcellos Bocacio

Fernanda Leal Leães

Flávia Dornelles Gomes

Rafael Narciso Meirelles

Rita Cristine Basso Severo

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO GRANDE DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE SÃO LUIZ GONZAGA

Livro de resumos do 1º Salão Acadêmico Missioneiro –
SAMIS

Arisa Araujo da Luz
Cristiane Barcellos Bocacio
Fernanda Leal Leães
Flávia Dornelles Gomes
Rafael Narciso Meirelles
Rita Cristine Basso Severo

ISBN 978-65-00-58897-2

São Luiz Gonzaga, RS, dezembro de 2022.

Livro de resumos do 1º Salão Acadêmico Missioneiro – SAMIS

Organização e edição de: Arisa Araujo da Luz, Cristiane Barcellos Bocacio, Fernanda Leal Leães, Flávia Dornelles Gomes, Rafael Narciso Meirelles e Rita Cristine Basso Severo.

Editora: Edição realizada na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Unidade Universitária de São Luiz Gonzaga, RS.

Conselho editorial e revisor: Adriana Carla Dias Trevisan, Amábili Giseli Ohlweiler, Jaqueline da Silva Rumão, Janaína Tauil Bernardo, Paola Ramos Simões Pires, Rosiele Lappe Padilha, Thais Francieli Scheuer, Viviane Machado Maurenre.

Livro de resumos do 1º Salão Acadêmico Missioneiro – SAMIS/ Arisa Araujo da Luz, Cristiane Barcellos Bocacio, Fernanda Leal Leães, Flávia Dornelles Gomes, Rafael Narciso Meirelles, Rita Cristine Basso Severo (orgs.). – São Luiz Gonzaga: Uergs, Unidade de São Luiz Gonzaga, 2022. 66 p.

ISBN 978-65-00-58897-2

1. Educação. 2. Ciência. 3. Pesquisa. 4. Extensão. 5. Agronomia. 6. Ciência e Tecnologia de Alimentos. 7. Pedagogia. I. Título.

CDD 600.370.570.630.540

Esta obra pode ser reproduzida livremente, desde que citada a fonte.

APRESENTAÇÃO

Em 2022 a Universidade Estadual do Rio Grande do Sul completou 21 anos de existência. Apesar de jovem, a UERGS tem se destacado no RS como uma instituição de ensino que, além de pública e de qualidade, se aproxima muito das comunidades onde suas 23 unidades universitárias estão instaladas pelo Estado.

Essa aproximação com a comunidade não é somente física. Ela ocorre através do tripé ensino, pesquisa e extensão. Os produtos gerados pelos diversos grupos dos muitos cursos da UERGS são muito relacionados com as necessidades dos locais onde as unidades existem.

Como métrica para os órgãos de avaliação sobre excelência acadêmica do Brasil, como a Capes por exemplo, os resultados dos projetos de pesquisa e extensão têm sido publicados no formato de artigos em periódicos. Por uma distorção nessas avaliações, muitos destes produtos, que são gerados com participação da comunidade, muitas vezes financiados com dinheiro público, são publicados em revistas com acesso restrito e em inglês. Ou seja, inacessível para uma boa parte das pessoas no país.

Desta forma, existe a necessidade de um movimento contrário, que fortaleça os vínculos entre UERGS e comunidade e ao mesmo tempo torne os resultados de pesquisa públicos e compreensíveis para a maioria da população e divulgue os projetos de extensão. Assim, as universidades criam eventos que, ao mesmo tempo que treinam os acadêmicos para a comunicação e desenvolvimento de publicações, permitem à comunidade acessar a ciência e o dia a dia das instituições de ensino superior.

Assim, em 2011 a UERGS realizou o primeiro Salão Integrado de Ensino, Pesquisa e Extensão, em Santa Cruz do Sul. No ano seguinte, São Luiz Gonzaga sediou a segunda edição do evento, que teve mais sete depois disso. Em 2019 ocorreu a última edição presencial, em Porto Alegre, sendo a nona realizada até então.

Em 2020 a UERGS parou por algum tempo, assim como o mundo todo, por causa da pandemia de COVID-19. O evento voltou em 2021 de forma remota. Mas, 2019 havia sido o último ano com recursos financeiros para essa magnífica reunião científica com a comunidade. A partir de então, cortes recorrentes por parte do Governo Federal inviabilizaram uma série de atividades nas universidades brasileiras, afetando diretamente o financiamento da divulgação científica, custos dos trabalhos e, principalmente, as bolsas de iniciação científica. No ano de 2022, por exemplo, não houve bolsas originárias de órgãos federais. Esses cortes estrangularam a pesquisa e a extensão nas universidades no país, chegando a extinguir grupos já consolidados e projetos de longa duração.

Assim, o Siepex não foi realizado em 2022, uma vez que não havia recursos, e no momento em que esta apresentação está sendo redigida não temos sinal de que ele volte para 2023. No entanto, a ciência não pode parar. O avanço do país depende da inovação, e inovação vem das pessoas. O tripé ensino, pesquisa e extensão forma, incentiva e mostra para as pessoas cabeças pensantes cheias de boas ideias. E nossa função, como professores e pesquisadores, é permitir, fomentar e propagar essas ideias.

Como as 23 comunidades em que a UERGS se inseriu nunca nos abandonou em momentos de crises, nós resolvemos não abandonar essas comunidades. Por isso, em 2022 criamos o 1º Salão Acadêmico Missioneiro. Ainda pequeno, acanhado e realizado às pressas, o evento contou com a inscrição de 38 resumos, a realização de quatro minicursos, assembleia de alunos, rodas de conversas, palestras e muito chimarrão. O início foi no dia 5 de dezembro, discutindo a importância da iniciação científica, e o final no dia 10 de dezembro, produzindo cerveja artesanal.

Os trabalhos foram apresentados pelos autores em sessões entre os dias 6 e 9 de dezembro, e avaliados por uma banca examinadora. Estes trabalhos geraram resumos simples ou expandidos e estão publicados neste livro. Você que vai ler pode utilizar os dados, reproduzir o conteúdo e caso tenha alguma dúvida, sugestão ou queira contato com os autores, poderá enviar mensagens, pois os endereços eletrônicos estão listados abaixo dos títulos.

Esperamos que os próximos SAMIS sejam maiores, tenham muito sucesso e que o SIEPEX volte com força. Temos a esperança de que um dia a educação a ciência e a tecnologia sejam vistas da forma como merecem. O tripé educação, pesquisa e extensão pode mudar vidas e revolucionar um país. Nós somos poucos, mas queremos fazer nossa parte.

Tomara que o SAMIS tenha sido uma gota para encher esse oceano.

SUMÁRIO

Acesso físico às feiras livres de Porto Alegre <i>Daniely Casagrande Borges; Fernanda Leal Leães</i>	02
Avaliação de acidez e pH em mel de abelha-sem-ferrão da espécie <i>Tetragonisca angustula</i> , proveniente da região das Missões - RS <i>Andressa Pedroso Carlotto de Souza, Fernanda Leal Leães; Eduarda Letícia Ruaro; Abigayll Santos Baierle; Rafael Narciso Meirelles</i>	05
(Des)encaixes do currículo: a língua inglesa e as culturas juvenis <i>Gizelly Vicente Salvador; Rita Cristine Basso Soares Severo; Amábili Giseli Ohlweiler Braga</i>	08
Experiências formativas do PIBID: desafios e perspectivas da gestão escolar frente ao novo modelo do PIBID nas escolas municipais de São Luiz Gonzaga/RS <i>Cristiane Barcellos Bocacio; Rita Cristine Basso Soares Severo</i>	12
Corpos jovens dentro de uma escola pública de Porto Alegre: constituindo identidades sexuais e de gênero <i>Mariane Suriel de Almeida Pereira; Rita Cristine Basso Soares Severo</i>	16
Docência: entre profissão, trabalho e identidade <i>Themis Karine Dutra Menegazzi; Viviane Maciel Machado Maurente</i>	19
Educação infantil: indisciplina, famílias e tecnologias <i>Luzimar Diniz Flores; Marcelize Carvalho Fabricio; Arisa Araujo da Luz</i>	22
As lições de Manoel Bomfim <i>Matheus Venquiaruti; Arisa Araujo da Luz; Maiúme Ortiz Batista</i>	26
As reações e repercussões à implementação da nova Política Nacional de Educação Especial <i>Matheus Venquiaruti; Arisa Araujo da Luz; Bryan Leal de Melo</i>	27
Brinquedos e brincadeiras do lúdico ao aprendizado significativo <i>Salette Mendes de Oliveira; Rita Cristine Basso Soares Severo</i>	28
Inclusão escolar e práticas docentes inovadoras na escola: possibilidades e desafios! Ano 2 <i>Bryan Leal de Melo; Arisa Araujo da Luz; Luzimar Diniz Flores; Salette Mendes de Oliveira</i>	29
Educação e Infâncias na Cultura Digital <i>Mileidi Custodio da Silveira; Rita Cristine Basso Soares Severo</i>	30
Monitoria: uma forma de aprender! <i>Jaine Machado Ferreira; Arisa Araujo da Luz</i>	31
O ENDIPE e a inovação escolar: análise sobre inovação em escolas estaduais do Município de São Luiz Gonzaga <i>Beatriz Duarte Pereira; Stéfanie da Silva Santos; Bruna de Souza Ferreira; Viviane Maciel Machado Maurente</i>	32
Revista Metamorfose: espaço de divulgação e geração de aprendizagens na Uergs <i>Juliana Terezinha de Oliveira; Luciane Sippert LanzaNova; Mastrângello Enivar LanzaNova</i>	33
Educação ambiental no ensino remoto: uma análise dos desafios e mudanças encontrados durante a pandemia covid-19 <i>Tuisi Rossini; Luciane Sippert LanzaNova; Ramiro Pereira Bisognin; Danni Maisa da Silva; Mastrângello Enivar LanzaNova</i>	34
Histórias de vida. Histórias da escola. Histórias de racismos <i>Luana de Matos Rodrigues; Rita Cristine Basso Soares Severo; Célia Júlia do Nascimento Rodrigues</i>	35
A Epistemologia de Ludwick Fleck na Formação de Professores.	

<i>Rafaela Fraga Beltrão; Viviane Machado Maurente.....</i>	36
Estilo de Pensamento em Ludwik Fleck e a formação permanente de professores <i>Valéria Tanise de Quadros Moraes; Viviane Maciel Machado Maurente.....</i>	37
Novos modos de ser/estar docente na pandemia da Covid 19 <i>Beatriz Duarte Pereira; Neila Ana Provenzi.....</i>	38
Pedagogia - licenciatura: desafios, evasões e desistências no contexto da pandemia da Covid-19 na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS) <i>Amanda Garcia Mousquer; Rita Cristine Basso Soares Severo; Cristiane Barcellos Bocacio.....</i>	39
Produção e consumo de mel e derivados: benefícios para a cadeia produtiva e para a saúde humana <i>Abigayll Santos Baierle; Fernanda Leal Leães; Rafael Narciso Meirelles; Eduarda Letícia Ruaro; Andressa Pedrosa Carlotto de Souza; Flávia Dornelles Gomes.....</i>	40
Pureza de méis de <i>Tetragonisca</i> sp. produzidos em São Luiz Gonzaga-RS <i>Eduarda Letícia Ruaro; Fernanda Leal Leães; Andressa Pedrosa Carlotto de Souza; Rafael Narciso Meirelles; Abigayll Santos Baierle.....</i>	41
Gradiente colorimétrico de méis de meliponíneos de São Luiz Gonzaga-RS <i>Eduarda Letícia Ruaro; Fernanda Leal Leães; Andressa Pedrosa Carlotto de Souza; Rafael Narciso Meirelles; Abigayll Santos Baierle.....</i>	42
Análise microbiológica de méis de abelhas nativas produzidos na Região das Missões – RS <i>Jaine Diniz dos Santos; Fernanda Leal Leães; Rafael Narciso Meirelles; Eduarda Letícia Ruaro.....</i>	43
Avaliação da ação das raízes das plantas de cobertura nas propriedades físicas e hídricas em um Latossolo Vermelho compactado em subsuperfície <i>Jackson Luis dos Santos Schmitz; Rosicler Alonso Backes; Juliano Ferreira Dutra; Sandro Feijó Matos....</i>	44
Extensão do potencial das plantas de cobertura na conservação do solo e água <i>Sandro Feijó Matos; Rosicler Alonso Backes.....</i>	45
Influência do sistema de uso e manejo sobre a qualidade física do solo avaliada pelo DRES- diagnóstico rápido da estrutura do solo <i>Eduarda Paniz Fontoura; Marta Sandra Drescher.....</i>	46
Resistência do solo à penetração em resposta a forma de aplicação e calcário e ao aporte de fitomassa <i>Fabiele Aparecida Garcia Vedana; Marta Sandra Drescher; Vinicius Batista Brum.....</i>	47
Rendimento de milho (<i>Zea mays</i>) em resposta a forma de aplicação de calcário e ao dispositivo utilizado na semeadora <i>Fabiele Aparecida Garcia Vedana; Marta Sandra Drescher; Vinicius Batista Brum.....</i>	48
A horta da vó: Projeto de extensão no lar do idoso São Vicente de Paula em São Luiz Gonzaga-RS <i>Silvia Araujo da Silva; Rafael Narciso Meirelles; Mikely Matos dos Santos.....</i>	49
2º Meliponicultura Gaúcha em Foco <i>Mikely Matos dos Santos; Rafael Narciso Meirelles.....</i>	50
Substrato de nidificação de abelhas sociais em áreas com diferentes ocupações no Noroeste do Rio Grande do Sul <i>Patricia de Oliveira Padilha; Rafael Narciso Meirelles; Alessandra Rosa de Oliveira; Arthur Castro do Rosario Filho; Paola Ramos Simões Pires.....</i>	51
Levantamento de ninhos de abelhas sociais na zona urbana em meio ao mar de soja de São Luiz Gonzaga-RS <i>Lauren Nathiely Garcia Uhlmann; Rafael Narciso Meirelles; Taís Tainá de Menezes Valentim; Adriela Ferreira da Silva; Paola Ramos Simões Pires.....</i>	52
Formação de novos meliponicultores na região histórica das Missões-RS <i>Arthur Castro do Rosario Filho; Rafael Narciso Meirelles; Lauren Nathiely Garcia Uhlmann; Patricia de Oliveira Padilha.....</i>	53

Visitantes florais e flora de interesse para abelhas em uma área remanescente de Pampa em São Luiz Gonzaga <i>Alessandra Rosa de Oliveira; Rafael Narciso Meirelles; Patricia de Oliveira Padilha, Mardiore Pinheiro..</i>	54
Estabelecimento de biofábrica de <i>Euschistus heros</i> e de <i>Telenomus podisi</i> em São Luiz Gonzaga-RS <i>Adriela Ferreira da Silva; Rafael Narciso Meirelles; Alessandra Rosa de Oliveira; Tais Tainá de Menezes Valentin; Cinei Teresinha Riffel.....</i>	55
ÍNDICE DE AUTORES.....	56

RESUMOS EXPANDIDOS

Os resumos expandidos são frutos de trabalhos das especializações realizadas na UERGS. São mais robustos e completos, pois são escritos por acadêmicos que já possuem alguma experiência com publicações e dos quais esperamos obras mais bem acabadas.

Acesso físico às feiras livres de Porto Alegre

Daniely Casagrande Borges¹; Fernanda Leal Leães

¹ Pós-graduação em Segurança Alimentar e Agroecologia (UERGS). São Luiz Gonzaga, Daniely-Borges@uergs.edu.br; fernanda-leaes@uergs.edu.br

Área do conhecimento: Ciências da Saúde

Palavras-chave: Acessibilidade urbana; Mobilidade urbana; Alimentos saudáveis.

INTRODUÇÃO

As feiras livres constituem-se como espaços de varejo móveis com instalações temporárias que permitem a circulação em vias públicas. De acordo com o estudo técnico da Câmara Interministerial de Segurança Alimentar e Nutricional (Caisan), as feiras são locais onde a população adquire principalmente alimentos considerados *in natura* ou minimamente processados (CAISAN, 2018).

Neste sentido, pode-se considerar as feiras como importantes marcadores de ambientes alimentares mais saudáveis, por proporcionarem um incentivo à aquisição desses alimentos e preços mais justos, comparando-as com outros estabelecimentos alimentares (LOPES; MENEZES; ARAUJO, 2017).

Apesar da importância das feiras de alimentos para a população, estudos apontam que a distribuição das feiras livres ocorre em maior parte nas regiões mais centrais das cidades e com melhor perfil socioeconômico (COSTA; OLIVEIRA; LOPEZ, 2015; LOPEZ; MENEZES; ARAUJO, 2017). Entretanto, não foi localizado outro trabalho que buscou analisar o acesso físico às feiras livres, levando em consideração a mobilidade urbana do território.

Dessa forma, considerando a lacuna existente no entendimento da acessibilidade urbana e acesso as feiras, o presente resumo tem como objetivo analisar o acesso físico das feiras livres de Porto Alegre, a partir da mobilidade urbana que a cidade apresenta.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo observacional ecológico com unidades de análise agregadas e foco em populações – baseada em dados secundários de fontes oficiais, com ênfase no componente geográfico e métodos de análise espacial quantitativos, na cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

Os dados dos estabelecimentos alimentares do município de Porto Alegre provêm de outro projeto intitulado: *Ambiente alimentar comunitário e sua associação com as condições socioeconômicas da população*. Os dados de estabelecimentos alimentares do ano de 2020 foram disponibilizados pela Secretaria da Fazenda Estadual, de acordo com a Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE) e as feiras livres e ecológicas disponibilizadas pela Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico de Porto Alegre. Foram selecionados os códigos utilizados pelo Estudo Técnico do Mapeamento dos Desertos Alimentares, elaborado pela Câmara Interministerial de Segurança Alimentar e Nutricional (CAISAN).

Características sociais e raciais

Os atributos demográficos e socioeconômicos da população de Porto Alegre foram consultados no Projeto “Acesso a Oportunidades”, do Instituto de Pesquisa Econômica Avançada (Ipea), que manipula e reagra as informações do Censo brasileiro de 2010 originalmente alocadas nos setores censitários em *grids* espaciais formados por hexágonos com diagonal de 357 metros intitulados “H3 - Hexagonal hierarchical

geospatial indexing system” - desenvolvidos pela empresa *Uber* (<https://h3geo.org/>). A malha de Porto Alegre tem 6.114 hexágonos e traz, entre outras informações:

- Quantidade total de pessoas (residentes);
- Quantidade de residentes de cor branca e quantidade de residentes de cor negra, indígena ou amarela;
- Renda domiciliar per capita média;
- Quintil e decil das distribuições de renda.

Análise estatística e geospacial

Foi utilizado o *software* R para calcular o trajeto entre cada hexágono (centroide) e os destinos de interesse – neste caso, as 44 feiras – considerando a rede viária e 4 diferentes modos de viagem: a pé, bicicleta, transporte público (ônibus) e carro e utilizado o *software* *Q-gis* para o desenvolvimento dos mapas, como recurso visual. Foram construídos dois indicadores, sendo que o Indicador 1 mostra o número de feiras alcançáveis por aquele modo de transporte em cada limiar de tempo (15, 30, 45 e 60 minutos). e indicador 2 mostra para cada hexágono o tempo mínimo de viagem por cada modo de transporte até a feira mais próxima. Para o carro, apenas os tempos de 15 e 30 minutos foram calculados, pois a partir de 45 minutos todas as feiras são alcançáveis a partir de qualquer hexágono.

RESULTADOS PARCIAIS E DISCUSSÃO

A amostra final dos estabelecimentos alimentares contou com 10.871 estabelecimentos alimentares. Com relação à classificação segundo o nível de processamento, apenas 3,97% dos estabelecimentos alimentares foram classificados como vendendo apenas ou principalmente alimentos *in natura* ou minimamente processados, 32,25% como mistos, 61,20% como vendendo apenas ou principalmente alimentos ultraprocessados e 2,58% (n= 281) como supermercados e hipermercados. Foram localizadas 44 feiras no território, sendo destas apenas 6 consideradas agroecológicas

Através da análise do número de feiras alcançáveis, observa-se que 89% das pessoas não têm acesso a nenhuma feira com 15 minutos de caminhada. Considerando 30 minutos de caminhada 75% das pessoas não têm acesso a nenhuma feira, com 45 minutos de caminhada 66% não tem acesso a nenhuma feira e com 60 minutos de caminhada 62% não têm acesso a nenhuma feira.

Em relação ao número de feiras alcançáveis utilizando como meio de transporte a bicicleta, observa-se que 74% das pessoas não têm acesso a nenhuma feira com uma pedalada de 15 minutos, 64% não têm acesso com uma pedalada de 30 minutos, 58% não tem acesso com 45 minutos e 54% nem se deslocando de bicicleta por 60 minutos.

Devido o tempo de espera e o deslocamento realizado a pé entre as linhas de ônibus, 89% das pessoas não têm acesso a nenhuma feira utilizando ônibus em um intervalo de tempo de 15 minutos, 75% em um intervalo de 30 minutos, 66% em um intervalo de tempo de 45 minutos e 62% em um intervalo de tempo de 60 minutos. Já utilizando o carro, com 15 minutos 43% das pessoas não têm acesso a nenhuma feira e com 30 minutos apenas 17% não tem acesso a nenhuma feira.

Considerando o tempo mínimo de viagem até a feira mais próxima, em relação ao ponto centróide de cada hexágono, 75% das pessoas demoraram mais de 30 minutos para ter acesso a feira mais próxima a pé, 64% levam mais do que 30 minutos de bicicleta, 66% levam mais que 30 minutos de ônibus e 17% levam mais que 30 minutos indo de carro.

As feiras livres são importantes estratégias para a melhoria do acesso a alimentos saudáveis da população, visto que por não apresentarem um local fixo na sua maioria,

poderiam estar inseridas em lugares mais afastados. Em Porto Alegre, a organização das feiras livres fica a cargo do poder público municipal e os locais de funcionamento são escolhidos com base em critérios como a densidade demográfica do bairro e a dificuldade de acesso aos centros fornecedores). Entretanto, apesar das feiras livres constituírem um espaço importante na agenda política do abastecimento de alimentos da cidade, o trabalho aponta importantes pontos a serem discutidos: (1) necessidade de um olhar mais aproximado para territórios específicos, que apresentaram pouco ou nenhum acesso facilitado, como a região mais extremo sul da capital; (2) incentivo financeiro para a população que tem mais dificuldade no acesso, na forma de passe livre (transporte coletivo); (3) necessidade de incorporação de outros equipamentos de segurança alimentar e nutricional, tais como restaurantes populares e hortas comunitárias.

CONCLUSÃO

A partir dos resultados apresentados, pode-se considerar que Porto Alegre exibe um predomínio de estabelecimentos que comercializam principalmente alimentos ultraprocessados, o que pode contribuir em escolhas menos saudáveis e consequentes desfechos negativos em saúde, como obesidade e doenças crônicas não-transmissíveis. Somado ao fato de existir poucos estabelecimentos onde se comercializa principalmente alimentos *in natura* e minimamente processados, observa-se que a maior parte da população da cidade não tem acesso facilitado às feiras livres.

REFERÊNCIAS

CÂMARA INTERMINISTERIAL DE SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL (CAISAN). **Mapeamento dos desertos alimentares no Brasil**, 2018.

COSTA, B. V. L.; OLIVEIRA, C. D. L.; LOPES, A. C. S. Ambiente alimentar de frutas e hortaliças no território do Programa da Academia da Saúde. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 31, p. S159-S169, 2015.

IBGE. **Censo demográfico**. [s. l.], 2010. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>
LOPES, A.; MENEZES, M.C. ARAUJO, M. L. O ambiente alimentar e o acesso a frutas e hortaliças: “Uma metrópole em perspectiva”. **Saúde e Sociedade**, [s. l.], v. 26, n. 3, p. 764–773, 2017.

Avaliação de acidez e pH em mel de abelha-sem-ferrão da espécie *Tetragonisca angustula*, proveniente da região das Missões - RS

Andressa Pedroso Carlotto de Souza¹, Fernanda Leal Leães; Eduarda Letícia Ruaro ²;
Abigayll Santos Baierle; Rafael Narciso Meirelles

¹ Mestrado Profissional de Ciência e Tecnologia de Alimentos, Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS); andressa-carlotto@uergs.edu.br; fernanda-leaes@uergs.edu.br; Faculdade de Agronomia (UERGS), eduarda-ruaro@uergs.edu.br; abigayll-baierle@uergs.edu.br; rafael-meirelles@uergs.edu.br

Área do conhecimento: Ciência e Tecnologia de Alimentos

Palavras-chave: Meliponicultura; Qualidade; Acidez.

Apoio: este estudo contou com bolsas de iniciação científica INICIE/UERGS e FAPERGS.

INTRODUÇÃO

O mel é o produto oriundo das abelhas melíferas, que possui composição amplamente variável, pois a mesma é influenciada por fatores como composição do néctar, condições climáticas, manejo do apicultor e, principalmente, a espécie de abelha que o produz (DE CARVALHO, 2005).

A abelha *Tetragonisca angustula*, conhecida popularmente como Jataí, é uma espécie de abelha sem ferrão e possui sua ocorrência natural em todo o território brasileiro (CAMARGO & PEDRO, 2013). O mel das abelhas-sem-ferrão, é produzido em pequena quantidade, mas apresenta características físico-químicas e principalmente sensoriais próprias, possuindo doçura, acidez e aroma diferentes do mel de *A. melífera* (DE CARVALHO, 2005).

A acidez do mel pode ser associada a alguns fatores, dentre eles, a variação dos ácidos orgânicos, ação de enzimas como a glicose-oxidase, que transforma os açúcares em ácidos (WHITE JUNIOR, 1989; FINOLA et al., 2007), ação de bactérias e ainda a quantidade de minerais presentes no mel, estando diretamente relacionada ao estado de maturação e deterioração do mel, aumentando com a fermentação (VIT, 2004). A influência do teor de acidez nos processos de fermentação, sabor e aroma, bem como as propriedades bactericidas do mel fazem da acidez total um importante indicador da qualidade do mel (PRICA, 2014). Portanto, objetivou-se analisar o mel de abelha jataí quanto a variação do teor de acidez e pH ao decorrer de 24 meses de armazenamento.

METODOLOGIA

As amostras para as análises foram coletadas entre os meses de novembro de 2020 e março de 2021 nas cidades de Santo Antônio das Missões e São Luiz Gonzaga, armazenadas em frascos de vidro e mantidas sob refrigeração em geladeira convencional da marca Consul a aproximadamente 5 °C durante todo o tempo do estudo. Foram realizadas análises em duplicata de acidez e pH em seis amostras de mel de abelha-sem-ferrão da espécie *T. angustula*. As primeiras análises foram realizadas em agosto de 2021, tendo as amostras sido colhidas 6 meses antes. As segundas foram realizadas em fevereiro de 2022 e as terceiras em outubro de 2022. A acidez foi determinada através de método titulométrico. A partir de uma solução de mel com 10 gramas de mel diluídas em 60 mL e água, a qual foi titulada com solução de NaOH 0,1 Mol/L até pH 8,3. O teor de acidez foi determinado da seguinte forma: acidez em Meq/kg= $V \times F \times W$ Onde: V= mL da solução de NaOH 0,1N, F= fator de correção do NaOH, W = peso da amostra de mel. O pH foi determinado com pHmetro de bancada através de uma solução de 10g de mel e 7 mL de água (INSTITUTO ADOLFO LUTZ, 2008).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A acidez apresenta-se como uma característica deste produto, sendo influenciada por diversos fatores como, flora, maturação e os ácidos naturalmente presentes como o ácido glucônico (CRANE, 1983; DE SOUZA, 2019). De acordo com a legislação para *A. mellífera* o valor máximo de acidez que o mel deve conter é de 50 Meq/kg, entretanto Villas-Boas & Malaspina (2005) sugerem um valor de 80 Meq/kg para méis de meliponíneos, e Vit (2004) sugere considerar os valores máximos entre 70 Meq/kg e 85 Meq/kg para mel não fermentado. Nota-se, portanto, uma grande variação nos valores sugeridos como referência, ao padrão de qualidade. No presente estudo, os resultados para a acidez do mel com 6 meses variaram de 43,11 Meq/kg a 79,29 Meq/kg, com 12 meses variaram de 43,94 Meq/kg a 80,83 Meq/kg e com 24 meses de 47,81 Meq/kg a 85,58 Meq/kg (Tabela 1), estando dentro do sugerido por Villas-Boas & Malaspina (2005) e Vit (2004).

O pH não é uma análise de realização obrigatória para a avaliação da qualidade do mel. Essa análise é realizada como um dado complementar da avaliação da acidez total, sendo que um valor baixo, indica um meio inóspito para desenvolvimento de microrganismos, garantindo desta forma a qualidade do mel (DE SOUZA et al. 2019). Desta forma, um pH elevado vem a propiciar um meio mais adequado ao desenvolvimento de microrganismos, sendo assim indesejado. O valor do pH das amostras com 6 meses variou de 4,06 a 5,55, com 12 meses de 3,96 a 5,14 e com 24 meses de 3,81 a 4,87.

Tabela 1 – Resultados das análises físico-químicas para variação de acidez durante 24 meses.

Amostra	Acidez 6 meses Meq/kg ± DP	Acidez 12 meses Meq/kg ± DP	Acidez 24 meses Meq/kg ± DP
1	43,11 ± 1,27	43,94 ± 1,29	47,81 ± 0,0
2	46,38 ± 2,45	45,20 ± 0,44	51,58 ± 0,0
3	54,19 ± 16,95	55,23 ± 17,28	85,37 ± 0,0
4	55,72 ± 4,76	56,80 ± 4,86	58,68 ± 0,0
5	79,29 ± 1,91	80,83 ± 1,94	85,58 ± 0,0
6	44,31 ± 0,19	47,23 ± 3,11	58,04 ± 0,0

Fonte: Autor (2022)

Para os parâmetros de qualidade, é possível observar que após os 24 meses de colheita todas as amostras apresentaram aumento no teor de acidez, porém, mesmo assim os valores não ultrapassaram os padrões recomendados para acidez de mel de meliponíneos. O aumento da acidez do mel é um indicador do processo de fermentação e transformação do álcool em ácido orgânico (PRICA, 2014).

Para Prica (2014) é importante considerar que o teor de umidade afeta substancialmente as propriedades físicas do mel, lembrando que pode ser influenciada pelas condições de armazenamento, já que o mel é uma substância altamente higroscópica, podendo obter variação no teor de umidade. Quanto maior for o teor de umidade do mel, maior é a possibilidade de as leveduras fermentarem e alterarem o sabor. As amostras analisadas nesse estudo apresentaram o teor de umidade entre 23,5 e 19%.

Ao avaliar o processo de maturação do mel de abelhas nativas na região Nordeste (*Melipona compressipes fasciculata*) nas temperaturas 20 ± 5 °C e 30 ± 5 °C Barbetta, et al. (2020) observaram um aumento no teor da acidez de 23,87 Meq/kg para 28,84 Meq/kg e 31,22 Meq/kg a 20 ± 5 °C e 30 ± 5 °C, respectivamente. O teor de pH manteve-se constante, da mesma forma que foi observado no presente estudo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os valores de acidez total das amostras de mel de abelha *T. angustula* analisadas neste estudo permaneceram dentro dos limites recomendados para mel de abelhas sem ferrão durante os 24 meses de estudo, apesar de ter sido observado o aumento gradativo com o passar dos meses. Sendo assim, é possível considerar que as condições de armazenamento das amostras sob refrigeração a aproximadamente 5 °C mostraram-se eficientes na conservação do mel durante esse período, auxiliando para que o processo de fermentação não ocorresse de forma tão agressiva durante a maturação das amostras.

REFERÊNCIAS

- BARBETTA, V. C. Paulo et al. **Maturação de mel de meliponíneos. In: anais do simpósio latino americano de ciências de alimentos**, 2015. Anais eletrônicos... Campinas, Galoá, 2015. Disponível em: <<https://proceedings.science/slaca/slaca-2015/papers/maturacao-de-mel-de-meliponineos>>. Acesso em: 14 nov. 2022.
- CAMARGO, J. M. F. et al. **Catalogue of Bees (Hymenoptera, Apoidea) in the Neotropical Region-online version**. Meliponini Lepeletier, 2013
- DE CARVALHO, Carlos Alfredo Lopes et al. **Mel de abelhas sem ferrão: contribuição para a caracterização físico-química**. Insecta-Núcleo de Estudos dos Insetos, 2005
- CRANE, Eva. **O livro do mel**. São Paulo: Nobel, 1983
- FINOLA, M. S. et al. **Microbiological and chemical characterization of honeys from central Argentina**. Food Chemistry, n. 100, p. 1649–1653, 2007.
- INSTITUTO ADOLFO LUTZ (São Paulo). **Métodos físico-químicos para análise de alimentos** /coordenadores Odair Zenebon, Neus Sadocco Pascuet e Paulo Tiglea - São Paulo: Instituto Adolfo Lutz, p. 1020. 2008.
- PRICA, Nadežda et al. **Moisture and acidity as indicators of the quality of honey originating from Vojvodina region**. Archives of veterinary medicine, v. 7, n. 2, p. 99-109, 2014.
- DE SOUZA, Thais Helena et al. **Caracterização físico-química do mel da abelha jataí (*Tetragonisca angustula*)**. Revista Brasileira de Tecnologia Agroindustrial, v. 13, n. 1, 2019.
- VILLAS-BÔAS, J. K.; MALASPINA, Osmar. **Parâmetros físico-químicos propostos para o controle de qualidade do mel de abelhas indígenas sem ferrão no Brasil**. Mensagem Doce, v. 82, p. 6-16, 2005.
- VIT, P; MEDINA, M; ENRIQUEZ, M E (2004) **Quality standards for medicinal uses of Meliponinae honey in Guatemala, Mexico and Venezuela**. Bee World 85(1): 2-5.
- WHITE JUNIOR, J. W. La miel. In: DADANT, H. **La colmena y la abeja mellifera**. Montevideo: Hemisfério Sul, 1989. cap.1, p. 21-35.

(Des)encaixes do currículo: a língua inglesa e as culturas juvenis

Gizelly Vicente Salvador¹; Rita Cristine Basso Soares Severo; Amábili Giseli Ohlweiler Braga

¹Mestrado em Educação, Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), gizelly-salvador@uergs.edu.br; rita-severo@uergs.edu; amabili-braga@uergs.edu.br

Área do conhecimento: Humanidades, letras, artes, educação.

Palavras-chave: Currículo; Cultura Juvenis; Língua Inglesa.

INTRODUÇÃO

O olhar sobre esses (des)encaixes do currículo foram inflamados a partir de uma pesquisa realizada para compreender a implementação do ‘novo’ ensino médio brasileiro, em uma escola piloto do estado do Rio Grande do Sul. Diante dessas mudanças foi necessário identificar os processos desenvolvidos pela gestão/ coordenação da escola na adequação da matriz curricular aos tempos e espaços da escola, dos estudantes e dos professores, identificando a participação dos jovens nas escolhas dos percursos formativos e dos projetos de vida, definidos na legislação; e, por fim, compreender a participação dos professores/as na implementação da matriz curricular.

No cenário altamente globalizado e tecnológico que vivemos, parece-nos pertinente discutir a significância do ensino de línguas estrangeiras nas instituições de ensino. O que nos levou a problematizar os (des)encaixes que o currículo apresenta para algumas disciplinas, tratando-se aqui, especificamente da língua inglesa, diante da pluralidade cultural juvenil contemporânea e conectada.

O ensino desta língua estrangeira como componente inserido nas redes educacionais visa engajar os jovens a terem uma comunicação entre povos, a conquistarem espaços universais e a ampliarem o pluralismo cultural. Esta ampliação, ou talvez, a anulação das fronteiras geográficas oportunizadas pelas revoluções tecnológicas resulta na invasão do global sobre o local e nos leva a repensar o conceito de cultura único e hegemônico imposto em nossa sociedade por longos anos. Para Stuart Hall (1997, p.02); “A importância das revoluções culturais do final deste século XX reside em sua escala e escopo globais, em sua amplitude de impacto, em seu caráter democrático e popular.”

Como resultado dessa escalada global evidencia-se o domínio social da cultura na contemporaneidade amplamente favorecida pela expansão da indústria cultural, corrobora Stuart Hall (1997, p. 03) que: “O resultado do mix cultural, ou sincretismo, atravessando velhas fronteiras, pode não ser a obliteração do velho pelo novo, mas a criação de algumas alternativas híbridas, sintetizando elementos de ambas, mas não redutíveis a nenhuma delas.”

Ao transcrevermos esse substantivo para o plural; ‘culturas’ podemos nos apropriar das palavras do autor Alfredo VEIGA-NETO (2003 p. 13); “Um tal indeterminismo abre perspectivas extremamente desafiadoras, produtivas e interessantes no campo pedagógico.” Contudo, essa pluralidade reverbera por conseguinte na definição de juventude(s), segundo Angélica PEREIRA et al. (2013, p. 229) “uma categoria múltipla, plural, cujas contingências econômicas, políticas e culturais de nossos tempos têm produzido muitas possibilidades de ser jovem.”

Em contraponto a esses contornos específicos dessas juventudes temos a escola e as experiências escolares que segundo Juarez DAYRELL:

A instituição se coloca distante dos seus interesses e necessidades, não conseguindo entender nem responder às demandas que lhe são colocadas, pouco contribuindo também em sua construção como sujeitos. (DAYRELL, 2013, p.50).

O que nos leva ao ponto crucial de compreendermos o currículo ‘desencaixado’ dessa nova ordem sócio-cultural que apresenta um currículo projetado, fragmentado e descontextualizado das juventudes. De acordo com Clarice TRAVERSINI et al:

O currículo pode ser compreendido como a corporificação do saber, estreitamente articulado ao poder que nele se inscreve, ao selecionar, classificar e definir o que e como ensinar. A essa relação, imbricam-se os modos de pensar presentes em cada sociedade e as diferentes formas culturais que se articulam na constituição de determinados sujeitos em um dado momento. (TRAVERSINI et al., 2013, p. 211).

A escola e o currículo, parafraseando Paula Sibilia(2012), apresentam-se como uma tecnologia antiquada cujo desafio pauta-se na emergência de redefinir esse espaço não como ‘projeto de vida’, mas como espaços de possibilidades, de criação de diálogos capaz de romper as barreiras tradicionais da disciplina e tecer redes para de fato, adentrar na órbita estabelecida pela sociedade atual.

METODOLOGIA

Esse trabalho é um dos resultados obtidos de uma pesquisa intitulada “*O Ensino Médio, proposto pela legislação n° 13.415/2017: contradições e desafios*” que tem como objetivo geral compreender como uma escola estadual de Ensino Médio realizou a implementação da lei n.º 13.415 (2017), que trata da reforma curricular. Dada a densidade do objetivo geral, esse foi desdobrado em objetivos específicos: identificar os processos desenvolvidos na adequação da matriz curricular; identificar a participação dos jovens nas escolhas dos percursos formativos e projetos de vida; compreender a participação dos professores na implementação da matriz curricular. Este artigo apresenta um recorte da pesquisa que se debruçou através da *pesquisa bibliográfica* para dar suporte teórico à compreensão da língua inglesa no currículo contrapondo-se às necessidades das culturas juvenis.

A pesquisa está sendo desenvolvida em uma escola pública do Ensino Médio do município de São Luiz Gonzaga/RS, que foi escolhida para iniciar o processo de implementação do ‘Novo Ensino Médio’, chamada ‘escola piloto’. Os sujeitos da pesquisa serão os jovens do Ensino Médio das turmas do 1º, 2º e 3º anos e os professores que atuam nas turmas que participaram da formação de implementação do novo modelo curricular nos anos de 2019 -2022. Para este recorte especificamente estamos debruçadas nas legislações que tratam da construção curricular do Ensino Médio.

RESULTADOS PARCIAIS- DISCUSSÃO

Dos resultados obtidos do recorte desta pesquisa, percebeu-se inicialmente em face da implementação da legislação n° 13.415 de 2017, amplamente conhecida como a reforma do ensino médio brasileiro, a insuficiência da carga horária disposta no novo currículo para amparar as línguas estrangeiras, em específico o inglês, tendo em vista, a relevância desse idioma nas relações contemporâneas juvenis.

Assim sendo, fazer com que seja significativo o ensino-aprendizagem da língua inglesa nas escolas como um idioma estrangeiro pode ser algo desafiador para os profissionais da educação, perante as necessidades em que o aluno tem de aprender, e as necessidades do professor de ensinar. Existem inúmeros fatores para que essas dificuldades possam estar acontecendo no âmbito escolar.

“[...] as condições na sala de aula da maioria das escolas brasileiras (carga horária reduzida, classes superlotadas, pouco domínio das habilidades orais por parte da maioria dos professores, material didático reduzido a giz e livro didático etc.) podem inviabilizar o ensino das quatro habilidades comunicativas” (BRASIL, 1998, p. 21).

O ensino deste idioma no currículo escolar poderia ser pensado para cada vez mais abranger a ampliação do pluralismo cultural e o interesse de assuntos dos jovens, visto que cada sociedade possui seus valores, suas culturas e uma forma de ver, entender e agir, formando assim as diferentes aptidões entre os discursos construídos em inglês e utilizadas em diversos meios de comunicação.

Esse entendimento favorece uma educação linguística voltada para a interculturalidade, isto é, para o reconhecimento das (e o respeito às) diferenças, e para a compreensão de como elas são produzidas nas diversas práticas sociais de linguagem, o que favorece a reflexão crítica sobre diferentes modos de ver e de analisar o mundo, o(s) outro(s) e a si mesmo. (BRASIL, 2018, p.242)

Contudo, a adoção desse currículo que promove algumas disciplinas em detrimento de outras e evidencia o foco na formação para o trabalho, denuncia em sua base um empresariamento da educação imbuído de uma ética neoliberal que rege a sociedade atual e, logo, o currículo.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

É pertinente compreender que a língua inglesa não pode ser simplesmente considerada uma disciplina, visto que ela faz parte de uma cultura amplamente difundida, seja nos estrangeirismos adotados na comunicação das juventudes, seja no consumo naturalizado de marcas estrangeiras, seja propriamente no uso do idioma com outros países através das tecnologias e do borramento das fronteiras geográficas.

Em tempos em que se discute a importância dos múltiplos letramentos para a sociedade, devemos considerar que o ensino adequado e contextualizado da língua inglesa pode promover um letramento digital, facilitando as práticas sociais de leitura e produção de textos em ambientes digitais, visto que, o universo da informática utiliza-se em primazia de termos em inglês.

Poderíamos, por fim, inflamar o debate histórico sobre as diferenças econômico-sociais que se projetam sobre o currículo, e, conseqüentemente, o moldam definindo o que é ‘importante’ para cada classe econômica aprender. Afinal, o aprendizado de um segundo idioma para a aquisição de um emprego melhor e quem sabe um futuro mais digno não é para todos, seguindo as premissas do neoliberalismo.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.
- _____. Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) - Introdução. Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF. 1998.
- DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. Revista Brasileira de Educação. Set/Out/Nov/Dez, 2003, N°24.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções de nosso tempo. In: Educação e realidade. Porto Alegre: FAGED/ UFRGS, v.22, n.2, jul/dez. 1997.

PEREIRA, Angélica Silvana; GARBIN, Maria Elisabete; SEVERO, Rita C. B. Soares. A escola, a rede e a rua – Espaços e tempos juvenis nas tramas do contemporâneo. Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v.21, n.2, p.227-253, jul./dez. 2013 <http://online.unisc.br/seer/index.php/reflex>.

NETO, Alfredo Veiga-. Cultura, culturas e educação. In: Revista Brasileira de Educação, Maio/Jun/Jul/Ago 2003 Nº 23.

SIBILIA, Paula. Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão; tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

TRAVERSINI, Clarice Salete(orgs); et al. Currículo e inclusão na escola de ensino fundamental [recurso eletrônico]. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013. 238 p.

Experiências formativas do PIBID: desafios e perspectivas da gestão escolar frente ao novo modelo do PIBID nas escolas municipais de São Luiz Gonzaga/RS

Cristiane Barcellos Bocacio¹; Rita Cristine Basso Soares Severo

¹Curso de Pedagogia, Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), cristiane-bocacio@uergs.edu.br; rita-severo@uergs.edu.br

INTRODUÇÃO

O presente artigo se constitui do trabalho final, proposto pela Especialização Gestão em Educação: Supervisão e Orientação Escolar. A pesquisa teve como objetivo analisar quais os desafios e perspectivas da Gestão Escolar frente Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID, referente ao Edital Nº 02/2020 CAPES, desenvolvido no Curso de Pedagogia - Unidade São Luiz Gonzaga da UERGS, compreendendo a visão dos Supervisores frente as experiências formativas do PIBID.

Considerando que as escolas vêm sendo pressionadas a repensar seu papel diante das transformações significativas da sociedade torna-se necessário gestores educacionais que busquem interagir e articular com as práticas sociais e políticas públicas educacionais favorecendo a constante reflexão sobre a prática docente e os processos de aprendizagem.

Libâneo (2013, p.177), define a direção e a coordenação como funções que respondem tanto no âmbito administrativo quanto no âmbito pedagógico, tendo como responsabilidade integrar, reunir esforços, liderar e unir o trabalho de diversas pessoas. Essa ideia reforça a importância do gestor na organização dos espaços e práticas pedagógicas das instituições de ensino, sendo essenciais para assegurar as transformações sociais e promover igualdades.

Pensando nas experiências formativas e nos processos educativos, destacamos o Programa de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID, como um aporte no processo de ensino e aprendizagem, o qual tem como finalidade fomentar a iniciação à docência e contribuir para a melhoria da qualidade da Educação Básica pública brasileira, além de valorizar o magistério e estimular a permanência do jovem nessa carreira.

Alinhando-se à perspectiva que compreende a profissão docente como um saber constituído por saberes específicos oriundos das instituições de formação, da formação profissional, dos currículos e da prática cotidiana dos espaços escolares (TARDIF, 2002, p. 54), compreende-se a importância de estudar as relações existentes entre o PIBID e a Gestão Escolar, assim como os desafios e contribuições que esse programa pode agregar as comunidades onde está inserido e aos licenciandos que participam do mesmo durante sua graduação.

A partir desta percepção e no contexto de que a interação entre os acadêmicos, que fazem parte desse programa, com os coordenadores e supervisores, geram um movimento dinâmico de formação e crescimento contínuo, além de uma integração social com as comunidades escolares, buscamos através deste estudo mostrar sua importância dentro da Gestão Escolar, optando apresentar na extensão deste texto uma das categorias analíticas que emergiram a partir das análises dos dados produzidos.

Gestos teóricos e metodológicos

Para alcançar os objetivos propostos nesta pesquisa, a metodologia utilizada está sustentada nos estudos de Nóvoa (1991), Tardif (2014) e Libâneo (2013), os quais apresentam uma visão singular sobre os sujeitos, sobre suas histórias de vida, as aprendizagens docentes, os Gestores e os processos educativos.

Este projeto ancorou-se no método de pesquisa qualitativo, de caráter exploratório, descritivo e interpretativo, cujo foco é compreender e aprofundar os fenômenos, que são explorados a partir da perspectiva dos participantes em um ambiente natural e em relação ao contexto. O percurso metodológico da pesquisa deu-se através de revisão da literatura, da pesquisa bibliográfica e análise documental (editais, decretos e portarias, projetos institucionais e relatórios do PIBID), os dados foram coletados a partir de entrevistas semiestruturadas.

No primeiro momento foi realizada a revisão da literatura, com a finalidade de aprofundar os conceitos, definições e abordagens teóricas sobre o tema, melhorando assim, a compreensão dos dados e aprofundando as interpretações. No segundo momento, como instrumento de coleta de dados realizamos as entrevistas semiestruturadas.

As entrevistas semiestruturadas, seguiram roteiro com preenchimento de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE aplicado pela própria pesquisadora no momento da apresentação e explicitação do projeto junto aos sujeitos envolvidos, que aceitaram participar desta pesquisa e foram orientados quanto às finalidades, riscos, benefícios, e o respeito à liberdade em optar ou não pela participação do estudo.

Os sujeitos participantes da pesquisa foram as duas Supervisoras do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) da Uergs – São Luiz Gonzaga das duas escolas municipais onde este programa está inserido atualmente, assim como já esteve inserido durante o primeiro edital deste programa, em 2011. Optamos durante a transcrição e redação do texto preservar a identidade das pesquisadas, identificando as mesmas como: Supervisora A e Supervisora B.

A análise foi realizada por meio da categorização elencada da fala dos(as) entrevistados(as), utilizando análise de conteúdo, através da técnica de análise categorial, pelo fato de que é a melhor alternativa quando se quer estudar valores, opiniões, atitudes e crenças, através de dados qualitativos.

O PIBID e suas experiências formativas

De acordo com Oliveira (2019, p.196) “a valorização dos profissionais do magistério representa um dos pilares fundamentais para o desenvolvimento da educação básica pública brasileira”. Esse pensamento vem ao encontro a percepção das Supervisoras em relação ao PIBID como uma política pública educacional voltada à formação docente.

Em sua fala a Supervisora A relatou que:

Diante de uma necessidade básica, que é a oferta de um ensino público e de qualidade, onde todos possam participar do processo de ensino/aprendizagem de forma igualitária e sem preconceito é o que faz com que o desenvolvimento do Programa Pibid em São Luiz Gonzaga, seja uma grande possibilidade de formação docente. É um grande diferencial em minha trajetória. Tenho a oportunidade de estar constantemente me questionando e refletindo sobre minha prática. Tenho a oportunidade de ter momentos de trocas, de formações que atendam as demandas da minha realidade.

A Supervisora B também concorda que o PIBID é uma oportunidade única de qualificação e trocas valiosas para a formação docente, além de ser muito importante na trajetória dos estudantes de licenciatura como uma experiência única.

No que diz respeito a questão do tempo exercido pelos bolsistas enquanto pibidianos, ambas as Supervisoras afirmaram que o tempo não deveria ser apenas 18 meses, considerando que está limitação não deveria ser imposta. Para a Supervisora A “os Pibidianos deveriam participar até o final da graduação, assim como era no primeiro programa, com certeza o conhecimento, troca e a bagagem era muito superior para os

pibidianos”. Enquanto a Supervisora B considera que “seria muito mais benéfico para todos se o ciclo não se encerra-se em 18 meses.”

Ainda as Supervisoras enfatizaram que as experiências formativas neste segundo modelo ocorreu em meio a pandemia e que isso com certeza foi um grande desafio para todos. Como frisou a Supervisora A “em meio a uma Pandemia, o Pibid também teve que se reinventar, criar novas estratégias”, assim como pontuou a Supervisora B “foi preciso fornecer aos pibidianos oportunidade de conhecer a realidade escolar tendo contato efetivo com todas as nuances pandêmicas aliando experiência pratica e teórica.”

De acordo com a Supervisora A “mesmo em meio a uma Pandemia o Pibid conseguiu ser notado pela comunidade escolar com ações importantes que integraram as turmas de Educação Infantil, Anos Iniciais e famílias”. Também a Supervisora B destacou que “sempre que necessitamos fomos atendidos em nossas propostas e projetos, mesmo com pouco contato presencial com os pibidianos os alunos estavam encantados”.

No ponto de vista das Supervisoras é correto afirmar que as experiências formativas proporcionadas pelo PIBID sobrepõem os desafios que o programa enfrentou com a pandemia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar dos desafios apontados, as Supervisoras foram enfáticas sobre o quanto o programa contribuiu significativamente, mesmo no momento pandêmico, onde a construção da experiência foi coletiva para um novo modelo educacional que precisou se reinventar para atender as necessidades da comunidade. Nas entrevistas ficou evidente que aos poucos todos foram se adaptando com alternativas em que o PIBID continuasse atuando de maneiras diversificadas atendendo as particularidades de cada uma das comunidades onde esteve inserido.

De modo geral o programa atendeu as expectativas das Supervisoras enquanto uma proposta formativa que favorece a Gestão Escolar considerando a relevância do trabalho realizado junto à comunidade escolar, além de ter sido uma grande vivencia para os bolsistas que participarem desse momento pandêmico em que a educação mais do que nunca precisou superar muitos desafios.

As constatações ocorridas ao longo deste estudo nos levam a compreender as contribuições e valor do PIBID para estas comunidades, através do panorama geral, apresentados pelas supervisoras, ao longo da trajetória deste programa nestas duas comunidades escolares.

Pode-se perceber o quanto o programa é valorizado na comunidade escolar inserido com boas perspectivas para a Gestão Escolar que pode proporcionar experiências diferenciadas aos alunos e docentes da escola, a partir desse programa, assim como realizar uma troca de saberes com a Universidade.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. - 5. ed. - São Paulo: Atlas, 2010.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e Gestão da Escola: Teoria e Prática**. 6 ed. ver. e ampl. São Paulo: Heccus Editora, 2013. 304 p.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. -6. ed. -São Paulo: Atlas, 2009.
- NÓVOA, António. **Formação de professores e profissão docente**. 1992. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/12424596.pdf>. Acesso 15 jun.2016

RIO GRANDE DO SUL. Universidade Estadual do Ri Grande do Sul. **Projeto Institucional PIBID – 2020**. Porto Alegre: UERGS, 2020. Disponível em: <https://uergs.edu.br/upload/arquivos/202007/20201610-projeto-institucional-pibid-2020.pdf>. Acessado em 02 de fev.2021.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 17ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

Corpos jovens dentro de uma escola pública de Porto Alegre: constituindo identidades sexuais e de gênero

Mariane Suriel de Almeida Pereira¹; Rita Cristine Basso Soares Severo

¹Mestrado profissional em educação, Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), mariane-pereira@uergs.edu.br; rita-severo@uergs.edu.br.

Palavras-chave: Educação, Gênero e Sexualidade.

Área do conhecimento: Ciências Humanas

INTRODUÇÃO

Este texto apresenta resultados iniciais do projeto pesquisa do Mestrado Profissional em Educação, vinculada ao Programa de Pós graduação em Educação da Uergs, que apresenta como problema de pesquisa as identidades sexuais e de gêneros dos (as) estudantes no espaço escolar. O objetivo geral do estudo é refletir sobre, como os (as) jovens estudantes gays das escolas públicas narram os seus corpos e suas identidades de gênero - Decorrendo do fato de que muitos de meus alunos(as) LGBTQIAPN+ me relataram problemas com seus corpos ou corpos, e suas relações de enfrentamentos com seus pares e com os padrões estabelecidos na sociedade. Trago como objetivos específicos da pesquisa reconhecer como estas identidades de gênero são constituídas dentro e fora do ambiente escolar; Entender como os/as jovens estudantes narram suas identidades sexuais e de gênero; Identificar os desafios encontrados pelos jovens estudantes LGBTQIAPN+ na escola e entender de que modo os/as jovens estudantes lidam com os preconceitos e discriminações vividas no ambiente escolar.

Para a fundamentação teórica utilizei autores dos Estudos Culturais que têm produzido saberes em relação aos modos de como os processos socioculturais estão envolvidos na construção de nossas concepções sobre o mundo, na constituição dos sujeitos, identidades e formas de ser, viver e pensar na contemporaneidade, como teóricos base utilizou-se Stuart Hall (2006), Luís Henrique Sommer (2003); Marisa Vorraber Costa (2003); Rosa Hessel Silveira (2003); Guacira Lopes Louro (2004). Permeando também os campos das identidades que segundo Zygmunt Bauman (2005), Stuart Hall (2006) e Alberto Melucci (2004) a identidade de um indivíduo está associada ao conjunto de vinculações de um sistema social, quer dizer, é a identidade social que permite ao indivíduo localizar-se e ser localizado socialmente. No entanto, nem todos os grupos dispõem das mesmas capacidades de identificação. É a posição no sistema de relações que os liga, que lhes concede este poder, visto que a identidade de um determinado indivíduo é construída pelo meio social.

Outro conceito utilizado no projeto de pesquisa foi o das juventudes, que segundo Rossana Reguillo (2003) a juventude se manifesta de diferentes formas, ao definir o 'jovem' não podemos nos aplicar apenas ao fator idade, mas também seu contexto social. Devemos pensar esta categoria se construiu não apenas em um contexto linear e atemporal, devemos pensar a 'juventude', como a conhecemos hoje, uma invenção do pós-guerra que possibilitou uma nova ordem mundial que moldou o mundo nos parâmetros que conhecemos atualmente; De acordo com Rossana Reguillo (2003) partindo da natureza dinâmica e descontínua dos jovens, que não se encaixam de forma igual na sociedade, suas formas de apresentação se dão de configurações diferentes. O conceito das juventudes neste estudo também é formulado através dos pressupostos de Juarez Dayrell (2003) que discorre que a juventude é um sujeito de conceito aberto do ser humano, inserido em uma história, portador de desejos e movidos por ele.

O conceito de gênero, utilizando teóricas como Judith Butler, (2003); Guacira Lopes Louro (1985); Joan Scott, (1988) faz menção a um conceito construído pelas ciências sociais nas últimas décadas para analisar a construção sócio-histórica das identidades masculina e feminina. O conceito de gênero na concepção de Joan Scott (1988) é a categoria central da teoria feminista, parte da ideia de que o feminino e o masculino não são apenas fatos naturais e biológicos, mas sim construção cultural por gênero entende-se todas as normas, obrigações, comportamentos, pensamentos, capacidades e até mesmo o caráter que se exigiu que as mulheres tivessem por serem biologicamente mulheres.

METODOLOGIA

A abordagem de pesquisa deste estudo é qualitativa que segundo Sandra Jovchelovitch e Martin Bauer (2002, p.93), tem como principal objetivo reconstruir acontecimentos sociais a partir da perspectiva dos participantes/informantes. , nas análises iniciais pretendo utilizar a pesquisa participante, os instrumentos metodológicos são as rodas de conversa. Também pretendo me valer da técnica observador participante, que de acordo com Daniel Augusto Moreira (2002, p.52) ela consiste em imergir no mundo dos seus observantes tentando compreender profundamente o mundo onde estão inseridos, como constroem suas situações e de forma tratam a sua realidade, conjuntamente com a observação participante.

RESULTADOS PARCIAIS

Como resultados parciais, trago algumas observações feitas em sala de aula com alguns temas que foram surgindo ao longo do ano e discutido pelos alunos (as), em uma aula de Artes onde foi apresentado o filme intitulado “Alice Junior”, que conta a história de uma menina transexual, que vive os dilemas da juventude como o primeiro beijo, preconceito da sociedade com o corpo, relato a seguir os comentários que os alunos iam fazendo ao longo do filme.

Relato da roda de conversa

Durante a roda de conversa após o filme alguns alunos (as) demonstraram “nojo” ao perceberem que a personagem principal era transexual, reforçaram várias vezes essa ideia.

Um dos alunos, do oitavo ano atribuiu o termo transexual a transformes, fazendo referência ao título de um filme em que os carros se transformam em robôs. O mesmo aluno fez o seguinte comentário: "- tem que ser bem gay para ficar curtindo as coisas tipo isso!(se referindo a personagem)"- “Ela parece uma garota de programa!”

Frente a estes relatos é possível inferir que o pensamento hegemônico de ordem moral e religiosa, os fundamentos exclusivamente cis e heteronormativos predominam na produção e na educação dos corpos e sexualidades dos jovens, sendo silenciadas e apagadas todas as demais identidades e performatividades de gênero - consideradas desviantes dos padrões socialmente aceitáveis. Perante à superação das violências e abusos sistematicamente vindos dessa matriz binária e heteronormativa de gênero, é que se torna necessário repensar a cultura, o currículo e a própria produção das aulas tendo em vista que predominantemente os alunos de identidades masculinas, mesmo sendo tão jovens, carregam consigo a LGBTfobia, perpassada pela cultura familiar gerando diversas violências. Neste contexto, “pessoas trans ainda não são vistas como seres humanos, mas

como seres abjetos, porque não são inteligíveis para os padrões hegemônicos de gênero (fundamentados no binarismo) e até mesmo de sexualidade” (Butler, Judith, p, 65).

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

A partir da análise do relato da roda de conversa concluo que o trabalho a ser feito na escola ainda é muito desafiador, é cada vez mais emergente possibilitar pautas com estudos de relação de gênero e sexualidades e a inserção dos alunos e alunas nessas reflexões sobre as diferentes formas de ser e estar no mundo. Muitos conceitos como homossexualidade, transexualidade ainda vem muito carregados de preconceitos e pudores por parte dos alunos (as), percebi que a grande maioria dos alunos identificados como do sexo masculino, repercutem a lógica machista e patriarcal, colocando o corpo transsexual como algo exótico e classificando os sentimentos em relação a esse corpo trans como algo “nojento”, uma aberração. A importância dos estudos *queer*, principalmente dentro da escola é evidente para a construção de noções que possibilitem a compreensão dessa pluralidade das formas de se performar os gêneros e sua relevância social para tornar nossa sociedade mais justa e igual, onde sujeitos com corpos vistos ‘como o outro’, ‘o diferente’, ‘o anormal’, ou seja, o corpo queer, possam exercer sua plena humanidade sem precisar se esconder ou ter medo de morrer pela sua condição de existência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismos e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: civilização brasileira, 2016.
- COSTA, Marisa Vorraber. **A escola rouba a cena**. In: (org). A escola tem futuro? Rio de Janeiro: DP & A, 2003.
- HALL, Stuart. **Estudos culturais e seu legado teórico**. In: SOVIK, Liv. da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora da UFMG; Brasília: Representante da UNESCO do Brasil, 2003.
- LOURO, Guacira Lopes. **Currículo, gênero e sexualidade: o “normal”, o “diferente”, e o "excêntrico"**. Petrópolis: Vozes, 2011.
- MELUCCI, Alberto. **O jogo do eu: a mudança de si em sociedade**. São Leopoldo: editora unisinos, 2004.
- MEYER, Dagmar Estermann. **Gênero educação: teoria política**. In: LOURO, Guacira Lopes et al (org). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2011.
- MOREIRA, Daniel Augusto. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.
- REGUILLO, Rossana. **Las culturas juveniles: un campo de estudio, breve agenda para la discusión**, Revista brasileira de educação, mai/jun/jul/ago, n 23. São Paulo: Anped, 2003.
- SCHÜTZE, Fritz. (1970) **Pesquisa biográfica e entrevista narrativa**. In: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicolle, (Org.). **Metodologias da pesquisa qualitativa em educação: teoria e prática**. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 238-253.
- SCOTT, Joan W. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação & Realidade, 1990.

Docência: entre profissão, trabalho e identidade

Themis Karine Dutra Menegazzi¹; Viviane Maciel Machado Maurente

Mestrado em Educação, Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS),
themismenegazzii@gmail.com, viviane-maurente@uergs.edu.br

Área do conhecimento: Educação.

Palavras-chave: Docência; Identidade; Profissão; Trabalho.

PALAVRAS INTRODUTÓRIAS

O que é a docência? Como se consolidou a profissão docente? Como nos tornamos docentes? Em que consiste o trabalho docente? Estas são algumas perguntas que motivaram e seguem motivando uma gama de pesquisas e discussões, entre elas o presente trabalho. Parte do percurso de pesquisa do curso de Mestrado Profissional em Educação da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), esse estudo buscou algumas concepções predominantes do conceito de docência. Nesta pesquisa de cunho bibliográfico, apresentamos a docência enquanto um conceito que pode versar entre profissão, trabalho e identidade. Fundamentamos teoricamente a noção de profissão a partir de Arroyo (2013) e Imbernón (2011), trabalho a partir de Tardif e Lessard (2014) e, com base em Nóvoa (2000) e Ivo Goodson (2019), à docência enquanto identidade.

DISCUSSÃO TEÓRICA

Para uma compreensão inicial, sintetizamos com algumas referências, no quadro abaixo, as ideias centrais das concepções de docência a serem abordadas. Importante salientar que essas concepções não são necessariamente excludentes, podendo ser vistas de certo modo como complementares. Cada uma enfoca alguns aspectos da docência que podemos resumir da seguinte forma:

Quadro 1 – Concepções de docência

**DOCÊNCIA
ENQUANTO
PROFISSÃO**

O conceito de profissão não é neutro nem científico, mas é produto de um determinado conteúdo ideológico e contextual; uma ideologia que influencia a prática profissional, já que as profissões são legitimadas pelo contexto e pelo conceito popular (...) Se aceitarmos que a docência é uma profissão, não será para assumir privilégios contra ou “à frente” dos outros, mas para que, mediante seu exercício, o conhecimento específico do professor e da professora se ponha a serviço da dignificação da pessoa. Ser um profissional da educação significará participar da emancipação das pessoas. O objetivo da educação é ajudar a tornar as pessoas mais livres, menos dependentes do poder econômico, político e social. E a profissão de ensinar tem essa obrigação intrínseca. (IMBERNÓN, 2011, p. 28).

**DOCÊNCIA
ENQUANTO
TRABALHO**

A partir de Marx, Tardiff e Lessard (2014) apontam para a transformação dialética que ocorre por meio do trabalho: a transformação do objeto e, igualmente, do trabalhador. Contudo, diferente do trabalho do operário, que encontra um objeto sem vida e sem resistência a sua ação, o trabalho docente é um trabalho interativo com outro sujeito que pode inclusive opor resistência ao trabalhador. Os autores colocam, dessa forma, a interação como categoria central para compreender o trabalho docente.

DOCÊNCIA ENQUANTO IDENTIDADE

A identidade não é um dado adquirido, não é uma propriedade, não é um produto. A identidade é um lugar de lutas e de conflitos, é um espaço de construção de maneiras de ser e de estar na profissão. Por isso é mais adequado falar em processo identitário, realçando a mescla dinâmica que caracteriza a maneira como cada um se sente e se diz professor. (NÓVOA, 2000, p. 16).

Consideramos os professores como pessoas e profissionais cujas vidas e cujo trabalho são moldados por condições dentro e fora da escola. Eventos e experiências, tanto do passado quanto do presente que acontecem em casa, na escola e na esfera social mais ampla, ajudam a dar forma às vidas e carreiras dos professores. O modo como os professores constroem as suas realidades profissionais e a forma como levam suas vidas nas salas de aula são um contínuo processo de interpretação pessoal e contextual. (GOODSON, 2019, p. 148).

Fonte: Autoras (2022)

Os aspectos envolvidos na concepção da docência enquanto profissão ainda se encontram em construção, debates e lutas. Conforme Arroyo (2013, p. 22), em texto publicado na 1ª edição nos anos 2000, “as questões que têm estado em jogo nessa década são essas: a defesa da identidade dos profissionais da educação, de sua qualificação e profissionalismo e a defesa da especificidade do campo educativo”. Também em um conjunto de textos publicados na primeira edição em 2000, Francisco Imbernón, ainda falava sobre a necessária redefinição da docência como profissão e sobre os debates dessa profissionalização. O autor (2011) argumenta que devemos mudar a visão predominante do século XIX da educação como transmissão de conhecimento e considerá-la na sua complexidade de relações e compromissos com uma sociedade plural e democrática.

Além disso, muitos são os discursos de docência por vocação, por amor, por doação, que, frequentemente, podem colaborar para o apagamento das relações de trabalho envolvidas na docência. É o que defendem, por exemplo, Tardif e Lessard. O trabalho sobre e com o outro envolve “negociação, controle, persuasão, sedução”, além da necessidade de “instruir, supervisionar, servir, ajudar, entreter, divertir, curar, cuidar, controlar” (TARDIF; LESSARD, 2014, p. 33). No que tange a atividade escolar, diferente de outras profissões interativas como médicos/as e advogados/as, esse outro não está de forma voluntária na escola, é uma obrigação legal que, muitas vezes, gera desinteresse e apatia por parte dos e das estudantes. Nesse sentido, professores/as precisam, em muitos momentos, convencer seu sujeito de trabalho da importância do mesmo para que possa, de fato, trabalhar. “Eles precisam convencer os alunos de que a escola é boa para eles, ou imprimir às suas atividades uma ordem tal que os recalcitrantes não atrapalhem o desenvolvimento normal das rotinas de trabalho” (Ibdem, p. 35). Tais questões, conforme defendem os autores, não são insignificantes quando pensamos na prática docente. Temos um aspecto de imprevisibilidade na atuação de professores/as que mobilizam tomadas de decisões em situações de urgência nas múltiplas situações que podem ocorrer na sala de aula. Devido ao aspecto interativo, “multiplicidade, simultaneidade, imediatez, rapidez, imprevisibilidade, visibilidade, historicidade, interatividade e significação constituem, portanto, muitas dimensões copresentes na tarefa dos professores com os alunos” (Ibdem, p. 72).

Com isso, temos a visão do e da docente muito além do e da profissional restringido ao trabalho em sala de aula. Os/as professores/as podem ser concebidos como trabalhadores muito mais complexos do que transmissores de conhecimento. Nessa perspectiva, o tornar-se professor/a, o ser professor/a também abarca um olhar mais complexo para a sua formação. Além de seu aspecto profissional, de seu status de trabalho e da atual precarização, a docência também pode ser concebida em termos de identidade docente. É um olhar que podemos encontrar em autores como Nóvoa e Goodson. Conforme Nóvoa,

a identidade não é um dado adquirido, não é uma propriedade, não é um produto. A identidade é um lugar de lutas e de conflitos, é um espaço de construção de maneiras de ser e de estar na profissão. Por isso é mais adequado falar em processo identitário, realçando a mescla dinâmica que caracteriza a maneira como cada um se sente e se diz professor. (NÓVOA, 2000, p. 16).

Nessa perspectiva, o autor embasa pesquisas sobre o ciclo de vida profissional, narrativa autobiográfica, a significação atribuída ao seu exercício. O professor e a professora são entendidos enquanto pessoa. Longe de apenas aquela figura construída de mestre do saber, mestre inatingível e inabalável, os e as professoras são analisados a partir dos seus sentimentos, contradições, projeções, decepções, enfim, nas variadas relações que podem conceber com a profissão. É um olhar que, ao pensar nesse processo identitário, não separa a pessoa do profissional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Evidenciamos com estes escritos que a docência não se resume ao trabalho de sala de aula. Também não se resume a apropriação de conceitos e transmissão para alunos/as. A partir do exposto, sintetizamos docência como um trabalho, que ao menos deveria ser, criativo, intelectualmente estimulante. Um trabalho que envolve, ou deveria, pesquisa, busca de conhecimentos, produção de conhecimentos, reinvenção de si e do mundo. Um trabalho que engloba, ou deveria, a extensão, entendida como além da sala de aula, além da relação entre professor/a e aluno/a dentro de um período de tempo. Um trabalho que na atividade de ensino estimula, ou deveria, a criação de possibilidades, de invenções, reflexões e criações de si, da turma, da comunidade, do mundo.

. As contradições entre o que a docência é ou que ela deveria ser mas não é são permanentes. No entanto, também assumindo a docência enquanto compromisso político, há a possibilidade de lutar por esse devir. Como campo em disputa, a luta não tem fim, porque a história não tem fim. O ser é um estar sendo, entre o antes, o agora, o depois, entre uma experiência individual e coletiva, mas nunca totalizante. Nesse sentido, proponho pensar que docência assumimos para si e que docência lutamos como devir.

REFERÊNCIAS

- ARROYO, Miguel. **Ofício de Mestre: Imagens e autoimagens**. 15º ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- GOODSON, Ivor. **Currículo, narrativa pessoal e futuro social**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2019.
- IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. 9º ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- NÓVOA, António. Os professores: Um “novo” objeto da investigação educacional? In: **Vidas de professores**. Porto, Portugal: Porto editora, 2000.
- TARDIF, Maurice; LESSARD; Claude. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. 9º ed. Petrópolis, RJ: VOZES, 2014.

Educação infantil: indisciplina, famílias e tecnologias

Luzimar Diniz Flores¹; Marcelize Carvalho Fabricio; Arisa Araujo da Luz

¹Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), luzimar-flores@uergs.edu.br; marcelize-fabricio@uergs.edu.br; arisa-luz@uergs.edu.br

Área do conhecimento: Educação.

Palavras-chave: Educação Infantil. Indisciplina. Tecnologias.

INTRODUÇÃO

Falar de indisciplina nem sempre é fácil, principalmente nos dias atuais, onde professores e famílias estão repletos de dizeres negativos quando se diz respeito ao comportamento infantil. Esse trabalho tem como pretensão e objetivo compreender esses comportamentos, bem como desmistificar a visão de indisciplina na escola, enfocando a Educação Infantil. Teve como caminhos metodológicos a pesquisa qualitativa e explicativa, pois busca compreender a totalidade dos fenômenos que envolvem a indisciplina na educação infantil coletando dados por meio de questionário e observação sistemática em determinada escola e turma no interior do Rio Grande do Sul. Para que esse trabalho se desenvolvesse de forma sólida, foram abordados vários autores fundamentando teoricamente o tema em destaque. Portanto, ao finalizar essa pesquisa, não podemos afirmar que tudo seja o certo, afinal, todos têm concepções e entendimentos diferentes, mas espero de alguma forma, contribuir para, no mínimo, abrir discussões sobre o mundo da educação infantil, e o que é considerado como indisciplina na escola e nas famílias.

FALANDO SOBRE INDISCIPLINA

De fato, indisciplina ainda é tema complexo para ser abordado. Às vezes, na escola de educação infantil, ao observarmos os comportamentos que expressam agressividade de uma criança, não concordamos com isso e a reação imediata é a crítica, até mesmo em tom igualmente de agressividade, reproduzindo o mesmo agir da criança, sem, contudo, apercebermos deste agir. De igual forma, a repressão ao agir agressivo, chamado de indisciplina é realizado sem ao menos conhecermos seu processo de vivências até aquele momento. Este estudo não apresenta caráter julgador e nem prescritivo. Objetiva discutir o que classificam como indisciplina na educação infantil, bem como percorrer práticas pedagógicas, família e o uso das tecnologias.

Ao pesquisar autores que abordam a indisciplina, não foi encontrado algo explícito sobre o tema, porém, trago explicações e hipóteses sobre os entendimentos que contemplam a temática. Para Dayan:

Em geral o conceito de indisciplina é definido em relação ao conceito de disciplina, que na linguagem corrente significa regra de conduta comum a uma coletividade para manter a boa ordem e, por extensão, a obediência à regra. Evoca-se também a sanção e o castigo que se impõem quando não se obedece a regra. Assim, o conceito de disciplina está relacionado com a existência de regras, e o da indisciplina, com a desobediência a essas regras (DAYAN, 2018, p.18).

Em relação diretamente a escola, para Aquino:

Uma primeira hipótese de explicação da indisciplina seria a de que o aluno de hoje em dia é menos respeitador do que o aluno de antes, e que, na verdade, a escola atual teria se tornado muito permissiva, em comparação ao rigor e à qualidade daquela educação de antigamente (AQUINO, 1998, p. 185).

Nessa obra, o autor faz referência sobre as hipóteses da indisciplina, e uma delas é de que, os profissionais da educação justificam os maus comportamentos dos alunos pelo excesso de permissividade. Alegando que, antigamente não existiam esses problemas de comportamentos em sala de aula, porém, ainda de acordo com o autor:

[...] outro dado que precisa ser reconfigurado com certa imparcialidade quando evocamos essas escolas do passado é o fato de que elas eram fundamentalmente militarizadas no seu funcionamento cotidiano. E o que isso significa? Se buscarmos exemplos em nossa memória, veremos isso com clareza: as filas, o pátio, o uniforme, os cânticos, e particularmente a relação de medo e coação que tínhamos com as figuras escolares (que descuidadamente nomeamos hoje como de respeito), revelavam um espírito fortemente hierarquizado/hierarquizante da época, desenhando os contornos das relações institucionais (AQUINO, 1998, p. 187).

Então, é possível compreender que nas escolas de antigamente o professor era a única figura importante na sala de aula, agindo de forma autoritária através dos castigos, então, não era respeito da parte dos alunos, e sim, medo.

TECNOLOGIA E RELAÇÃO FAMILIAR

Hoje, provavelmente não viveríamos sem a tecnologia. É por meio dela que mantemos contato com os amigos e familiares, estejamos pertos ou longe, sem contar as inúmeras utilidades e informações que, rotineiramente, nos oferecem.

Se for consenso que não vivemos sem as tecnologias, por outro lado, como professora que sou, ouço pais e professores alegando que a mídia veio para atrapalhar o desenvolvimento da criança. Particularmente discordo de tais observações e, ao contrário, acredito que a mídia e tecnologia, desde que usadas de forma correta, são grandes auxiliares para a produtividade do ser humano. Cabe a nós, professores e pais, sabermos usufruí-las de forma útil e, assim, tirar o máximo de proveito de toda a tecnologia à nossa disposição.

Fica um questionamento para reflexão: será que é realmente a mídia e a tecnologia que estão prejudicando nossas crianças? Quem é que possibilita o acesso a essas tecnologias? Alguém acompanha esse uso? As famílias não estão sabendo como lidar com a tecnologia, não conseguem estabelecer um limite de uso, pois em qualquer lugar é possível observar crianças com menos de um ano de idade com um celular na mão. Infelizmente, livros, contação de histórias, brincadeiras livres e orientadas já estão quase extintas e, com isso, vêm vários problemas, não somente o de comportamento, mas também de saúde. Sem julgamentos, é apenas uma observação de que, como os pais encontram-se cada vez mais atarefados e cansados do trabalho, torna-se mais fácil entreter as crianças de forma rápida e prática. Então aquela birra não é indisciplina, é uma carência afetiva, é um pedido de atenção e, muitas vezes, os alunos tachados como indisciplinados estão apenas querendo um mínimo de atenção que também não recebem em casa, conforme se pode ver a seguir:

Pais distantes, famílias desintegradas e crianças que são educadas pela televisão resultam em alunos com carência de estímulos. Alunos carentes em classes enormes, com poucos recursos, são fontes de mau comportamento e dificuldades de aprendizagem. O fato é que as crianças e os jovens chegam às aulas famintos de reconhecimento (SHINYASHIKI, 2011, p. 40).

Se uma criança que tem todo apoio e participação da família tem momentos de insegurança, o que deixamos para aquelas que raramente têm esse cuidado, essa atenção carinhosa e amor exigente? Sem contar que muitas, além do desafeto, ainda presenciam violências.

Está na hora de revermos nossas atitudes, revermos não somente nossa forma profissional de agir, mas também humana, pois assim como a família pode parecer desinteressada nas vivências de seus filhos, educadores também muitas vezes demonstram desinteresse com seus alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A indisciplina – que não é propriamente indisciplina – na educação infantil, com crianças já na primeira infância, não existe. Com base em muitas observações, questionamentos e leituras, conclui-se que, muitas vezes, as crianças não conseguem expressar seus sentimentos e acabam manifestando seu desagrado por meio da irritabilidade, agressão, choro ou birra num comportamento totalmente distinto, e que, na escola ou na própria família, é interpretado como indisciplina, fato isolado e momentâneo. Sem dúvida, na educação infantil, a criança não tem maturidade para compreender esse significado. Assim, como educadores(as) não podemos afirmar que determinada criança é indisciplinada ao apresentar comportamentos distintos, já que ela não sabe expressar com palavras o que está sentindo e usa a birra, o choro, as agressões e os gritos para justificar que algo não está bem.

Portanto, não posso afirmar que tudo que foi destacado neste trabalho seja o certo. Afinal, todos têm concepções e entendimentos diferentes, mas espero de alguma forma ter contribuído para, no mínimo, abrir discussões sobre o mundo da educação infantil, o que é considerado na escola como indisciplina e o que dela faz parte. E reafirmo: não existe indisciplina em crianças de 2 e 3 anos de idade, motivo e problema inicial desta pesquisa. O que, ao perdurar, será sim, indisciplina.

Encerro, com preocupações gerais, em dizeres de Boaventura Santos, numa alusão ao futuro próximo.

No entanto, o regresso à «normalidade» não será igualmente fácil para todos. Quando se reconstituirão os rendimentos anteriores? Estarão os empregos e os salários à espera e à disposição? Quando se recuperarão os atrasos na educação e nas carreiras? Desaparecerá o Estado de exceção que foi criado para responder à pandemia tão rapidamente quanto a pandemia? Nos casos em que se adoptaram medidas de proteção para defender a vida acima dos interesses da economia, o regresso à normalidade implicará deixar de dar prioridade à defesa da vida? Haverá vontade de pensar em alternativas quando a alternativa que se busca é a normalidade que se tinha antes da quarentena? Pensar-se-á que está normalidade foi a que conduziu à pandemia e conduzirá a outras no futuro? (SANTOS, B. S., 2020).

REFERÊNCIAS

AQUINO, J. R. G. A indisciplina e a escola atual. *Fac. Educ, São Paulo*, v.24, n.2, p.181-204, jul./dez. 1998. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rfe/article/view/59634/62731> Acesso em: 05 de novembro 2020.

DAYAN, S. P. Como enfrentar a indisciplina na escola? 2ª ed., 4ª reimpressão. São Paulo, 2018.

SANTOS, B. A Cruel Pedagogia do Vírus. Coimbra: Edições Almedina S.A, 2020.

SHINYASHIKI, R. Conquiste seus alunos: livro teórico. São Paulo: Gente, 2011.

RESUMOS SIMPLES

Os resumos simples são oriundos de projetos de graduação. Trabalhos de ensino, pesquisa e extensão, com resultados completos, parciais ou projetos em andamento são publicados nesta modalidade.

As lições de Manoel Bomfim

Matheus Venquiaruti¹; Arisa Araujo da Luz; Maiúme Ortiz Batista

¹Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), matheus-venquiaruti@uergs.edu.br; arisa-luz@uergs.edu.br; maiume-batista@uergs.edu.br,

O presente trabalho é oriundo do projeto de pesquisa “Investigações Pedagógicas: o pioneirismo de Manoel Bomfim na constituição da Pedagogia no Brasil, através do Grupo de Pesquisa Docência e Educação Inclusiva – GruDEI, possui como fulcro a restituição do pensamento pedagógico do médico, psicólogo e pedagogo Manoel Bomfim (1886-1932) responsável pela primeira sistematização da pedagogia como teoria e prática no país. Constituiu-se como um importante intelectual e político brasileiro no período da primeira república e exerceu suas atividades em vários campos do conhecimento, médico de formação, porém caracterizou-se em suas diversas obras como insigne pensador da história e cultura brasileira, assim como um precursor da pedagogia e psicologia no país no início do XX. Procuramos nos atentar naquilo que Bomfim traz em suas obras que abarcasse seu pensamento acerca da educação e os processos educativos escolares, de maneira que fora utilizado como fulcro do trabalho a obra “Lições de Pedagogia: theoria e practica”, terceira edição de 1926. A obra Lições de Pedagogia, no geral, trata-se de um compêndio do espaço escolar ao fato que ela se propõem levantar questões que tratam tanto da explicitação do conceito de pedagogia e educação, até o cotidiano da escola ao tratar do currículo, conteúdos e organização do âmbito escolar, de maneira que seja alicerçada em princípios da psicologia, pedagogia e filosofia da educação, até então disciplinas incipientes no país mas que ao redor do mundo já se iniciava um movimento de reformulação dos conceitos acerca dos processos educativos que apesar das particularidades de cada, fora identificado no geral como movimento “escola nova” que no Brasil consolida-se após a morte de Bomfim em 1932 com o “manifesto dos pioneiros da educação nova”. Na obra de Bomfim nos defrontamos com o entendimento da educação como um processo natural e geral de adaptação da espécie e educação como um processo particular eivado em metodologia, preceitos e sistematização científica, oriundos da psicologia e de diversas outras áreas, capazes de formular racional e conscientemente os princípios necessários para a adaptação consciente em prol ao aprumo moral dos indivíduos, tendo como fim a felicidade. Extraí-se dos estudos feitos até agora o vínculo entre Bomfim e a pedagogia histórico-crítica, de maneira que no autor sergipano pode-se encontrar os elementos que põe a história e a transformação social como princípios basilares para a formulação de uma teoria do ensino e da aprendizagem.

APOIO: Projeto Investigações Pedagógicas: o pioneirismo de Manoel Bomfim na constituição da Pedagogia no Brasil, apoiado com recurso proveniente de PROPPG/EDITAL 001/2021 – INICIE – Ações Afirmativas - UERGS.

Palavras-chave: educação; pedagogia; pedagogia histórico-crítica.

As reações e repercussões à implementação da nova Política Nacional de Educação Especial

Matheus Venquiaruti¹; Arisa Araujo da Luz; Bryan Leal de Melo

¹Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), matheus-venquiaruti@uergs.edu.br; arisa-luz@uergs.edu.br; bryan-melo@uergs.edu.br

O presente trabalho é o desdobramento de um trabalho anterior, desenvolvido no Grupo de Pesquisa Docência e Educação Inclusiva – GruDEI, denominado “Uma hermenêutica sobre a implementação da nova Política Nacional de Educação Especial: equitativa, inclusiva e com aprendizado ao longo da vida” apresentado no XXI Encontro Nacional de Educação (ENACED) e I Seminário Internacional de Estudos e Pesquisa em Educação e Ciências (SIEPEC), constituído como uma reação à implementação da nova Política Nacional de Educação Especial (PNEE) que estava sendo proposta no final de setembro de 2020, via decreto presidencial que ignorava os princípios de uma educação inclusiva, presentes nos marcos normativos sobre o tema, e propunha uma mentalidade segregatória através do léxico inclusivo. No presente momento, a pesquisa dedica-se em elencar qual a repercussão que o decreto teve e quais outras reações houveram naquele momento e quais movimentos, entidades e instituições se manifestaram: fosse a favor através de grupos conservadores, principalmente devido a divisão no país, que acreditam que a inclusão escolar deva acontecer em escola e/ou sala de aulas especiais, num retorno aos anos oitenta do século passado; e os que se opuseram e somaram forças em prol da revogação do decreto. A implementação, que fora revogada via Supremo Tribunal Federal, implicou na sociedade civil e nas instituições públicas uma ação imediata e espontânea em defesa da inclusão, pois viram no decreto uma tentativa de retroceder em relação à construção de uma sociedade mais justa, igualitária e inclusiva que já se via consolidada no país através dos documentos legais e políticas públicas, ao longo de décadas de disputas e discussões.

APOIO: Bolsista voluntário de PROPPG/EDITAL 001/2021 – INICIE – Ações Afirmativas - UERGS.

Palavras-chave: educação; inclusão; decreto nº 10502/2020.

Brinquedos e brincadeiras do lúdico ao aprendizado significativo

Salete Mendes de Oliveira¹; Rita Cristine Basso Soares Severo

¹Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), salete-oliveira@uergs.edu.br; rita-severo@uergs.edu.br

Este relato de experiência é o produto realizado a partir do projeto de estágio que trouxe como Tema Brinquedos e Brincadeiras do Lúdico ao Aprendizado Significativo e Objetivo Geral: Despertar nos educandos (as) através do lúdico “Brinquedos e brincadeiras” a possibilidade de aprendizados significativos. Visou através dos objetivos específicos possibilitar aos educandos que os mesmos desenvolvam atividades lúdicas permitindo aos educandos a exploração, identificação, nomeação e a ampliação de seu vocabulário, contribuindo com a construção do conhecimento e instigando os educandos a ampliar o gosto por leituras, a conhecer o mundo letrado através do uso de brinquedos e brincadeiras possibilitando aproximar o educando das letras e dos números retirando dos alunos possíveis “medos”. O Tema Brinquedos e brincadeiras do Lúdico ao Aprendizado Significativo possui relevância de ser trabalhado, visto que o educando irá através de atividades lúdicas ampliar seu conhecimento e ao mesmo tempo irá aprender brincando os conteúdos necessários de serem trabalhados, as atividades foram pensadas para que os educandos tenham uma aprendizagem significativa por meio de propostas pedagógicas interativas, para que assim consigam desenvolver seus aspectos cognitivos junto as trocas de experiências realizadas com o grupo. Percebemos que o desenvolvimento das crianças nesta fase depende das oportunidades de aprendizagem oferecidas pelo mundo que as cerca. Oferecer diferentes materiais as crianças é uma maneira de ampliar a capacidade de expressão delas e contemplar as inúmeras possibilidades que se apresentam diante das atividades em que elas se sentem envolvidas. Sendo assim se pensou num projeto que proporcionasse um mundo de possibilidades e experimentação. Quando estimulamos uma criança, despertamos nela o interesse e neste momento ela estará disposta a aprender, desenvolverá, destrezas e habilidades. Neste sentido todo o processo de estimulação visa a possibilitar ao educando independência e auto estima, construindo autonomia e segurança para que ela possa enfrentar novas experiências que resultarão em seu crescimento e desenvolvimento. Pois no momento em que oferecemos atividades que instigam a curiosidade dos educandos, para eles a aula se torna muito mais interessante, assim estamos possibilitando um desenvolvimento amplo e prazeroso em que eles possam ampliar a capacidade de explorar um mundo até então desconhecidos por eles. Percebemos então que o aprendizado adquirido na execução deste projeto justifica a relevância de trabalharmos atividades lúdicas, utilizando os brinquedos e brincadeiras como material concreto onde os educandos aprendem com materiais de seu “universo” tornando assim o aprendizado significativo.

Palavras-chave: estágio; anos iniciais; prática docente.

Inclusão escolar e práticas docentes inovadoras na escola: possibilidades e desafios! Ano 2

Bryan Leal de Melo¹; Arisa Araujo da Luz; Luzimar Diniz Flores; Salete Mendes de Oliveira

¹Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), bryan-melo@uergs.edu.br; arisa-luz@uergs.edu.br; luzimar-flores@uergs.edu.br; salete-oliveira@uergs.edu.br

Este relatório apresenta o resultado do Projeto de Pesquisa “Inclusão Escolar e Práticas Docentes Inovadoras na Escola: possibilidades e desafios!” Edital 2020/21, PROPPG-INICIE. Assim, ao solicitarmos a renovação deste projeto de pesquisa pelo terceiro ano consecutivo, lembrando que houve ajustes no projeto inicial (2020), para a execução em 2021, neste momento que vivemos, com a queda da pandemia, pela vacinação em massa, com a flexibilidade de protocolos e a possibilidade da presencialidade na escola. Teve como objetivo investigar nas escolas de ensino fundamental dos anos iniciais a inclusão escolar e as práticas docentes realizadas na busca do sucesso e felicidade escolar, com efetiva inclusão. Como docentes planejam e realizam suas aulas possibilitando a efetiva inclusão escolar? Com a pandemia, este projeto de pesquisa foi revisto e o objetivo foi realizado pautado em leituras e bibliografias existentes, com debates no Grupo e Pesquisa Docência e Educação Inclusiva – GruDEI. Neste mesmo período, é publicado o Decreto Presidencial 10502/2020, que implementava a Política Nacional de Educação Especial, um verdadeiro retrocesso nos avanços e conquistas da inclusão escolar, em que conceitos e práticas segregatórias e excludentes, de um período da história que gostaríamos de esquecer, foram retomados e estimulados a legalização. Com as pesquisas conseguimos discutir nas escolas o desmonte da educação, com a criação de projetos de escola sem partido, ensino domiciliar e tivemos que gastar muitas energias para que o STF – Supremo Tribunal Federal (1º de dezembro 2020) suspendesse o famigerado Decreto Presidencial 10502/2020. Tivemos voz e participamos de movimentos para que este decreto fosse suspenso, balizados em argumentos legais e sólidos de pesquisas sobre a importância da inclusão escolar, levando a UERGS ao protagonismo nos debates. No viés de manter as conquistas arduamente implementadas, com o acesso a todos e todas na escola, ao investigar para que fins a inclusão escolar se presta – num contexto político e econômico que vivemos atualmente – pesquisar as possibilidades para superar os desafios que emergem, é (em nosso humilde sentir) obrigação da universidade que foi exercida. Ao finalizar, mesmo que provisoriamente, esperamos contribuir para a efetiva inclusão escolar – efetiva: termo usado como possibilidade de vida com certa autonomia, relações sociais estabelecidas e de aprendizagem das especificidades do ano/série escolar, conforme objetivos traçados – com rigor metodológico e estudos balizados em publicações referendadas em relação à educação inclusiva e das práticas docentes inovadoras, mesmo que apenas no município e região de realização do projeto. Desta forma, constatamos que – infelizmente - a lei existe, mas na escola ainda não há uma efetiva, real inclusão escolar.

Apoio: Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PROPPG) – UERGS; Programa Institucional. De Bolsas De Iniciação Científica (INICIE), Edital 2020/21.

Palavras-Chave: aulas; decreto; pesquisa.

Educação e Infâncias na Cultura Digital

Mileidi Custodio da Silveira¹; Rita Cristine Basso Soares Severo

¹Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), mileidi-silveira@uergs.edu.br; rita-severo@uergs.edu.br

As infâncias contemporâneas estão imersas na cultura digital e essa inserção das tecnologias na rotina infantil tem transformado as definições de infâncias, assim como, tem contribuído para os processos de ensino aprendizagem, isso através de dispositivos digitais, tais como, celulares, computadores, videogames e outros tipos de aparelhos. Dito isso, o tema do projeto é “Educação e Infâncias na Cultura Digital”, e tem como intenção, compreender como as infâncias contemporâneas se relacionam com as tecnologias digitais e como estas podem contribuir nos processos de aprendizagem. Em virtude disso, é importante não somente propor diálogos sobre os usos dos dispositivos digitais no período da infância, e como eles constituem as culturas infantis, mas também, trazer discussões sobre a formação de professores para o uso de tecnologias digitais no ambiente escolar. Em face do exposto, tem-se o objetivo geral investigar as infâncias contemporâneas e seus vínculos com a tecnologia, compreendendo como os dispositivos digitais podem contribuir no processo de aprendizagem das crianças. Para mais, o projeto visa compreender como se constituiu os conceitos de infâncias do período medieval à cultura contemporânea, pensando os vínculos das crianças com os meios tecnológicos, assim como, sugerir a tecnologia digital como um instrumento para o desenvolvimento integral dos alunos e defender a importância da formação de professores para o uso de ferramentas digitais na sala de aula. A pesquisa neste trabalho é de cunho qualitativo, desenvolvida a partir de uma revisão bibliográfica alicerçada em estudos clássicos e contemporâneos de autores como Ariès (1981) e autoras como Kang (2021). Além disso, pretende-se realizar um estudo empírico, também chamado de pesquisa de campo, onde acontecerá entrevistas aos sujeitos da pesquisa, ou seja, as crianças dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Por fim, chegou-se a hipótese de que a relação entre a criança contemporânea e os dispositivos digitais, deve ser repensada e monitorada, cabe à família e à escola orientar sobre o uso correto das tecnologias no cotidiano, o equilíbrio entre o *online* e o *off-line* é talvez a opção viável. Conclui-se então, as infâncias contemporâneas estão diante de uma gama de conhecimentos e informações e a educação deve se adequar à cultura digital, utilizando as tecnologias como ferramenta para o processo de ensino aprendizagem.

Palavras-chave: Infâncias contemporâneas; Culturas digitais; Ensino aprendizagem;

Monitoria: uma forma de aprender!

Jaine Machado Ferreira¹; Arisa Araujo da Luz

¹Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), jaine-ferreira@uergs.edu.br; arisa-luz@uergs.edu.br

O presente trabalho relata a experiência vivenciada no Programa de Monitoria da UERGS, no período 2022. Importante contextualizar o que consta na LDBEN - Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, Art. 84: “Os discentes da educação superior poderão ser aproveitados em tarefas de ensino e pesquisa pelas respectivas instituições, exercendo funções de monitoria, de acordo com seu rendimento e seu plano de estudos”. A UERGS cumpre este artigo e abre espaço para aprendizagens dos acadêmicos, quando professores solicitam, via edital, monitoria para os componentes curriculares que irão ministrar. De forma resumida a prática da monitoria acadêmica, propõe ao aluno uma experiência de desenvolvimento e auxílio das atividades propostas no plano de ensino, além de manter um canal de comunicação simples entre alunos e o professor responsável pelo componente curricular e o acompanhamento dos colegas durante o desenvolvimento da disciplina. O período de execução da monitoria foi de quatro meses, iniciando em março e finalizando em julho, com carga horária de 20 horas semanais, estipuladas pelo edital disponibilizado pela universidade, com apoio financeiro de bolsa de monitoria, para gastos extras. Esta experiência propiciou que eu obtivesse maior desenvolvimento em planejamentos de trabalhos, interação com a professora, compreensão das principais dúvidas da turma, assim como, consegui manter uma ligação entre os acadêmicos e a discente, facilitando a resolução de problemas e a manutenção dos objetivos do plano de ensino. Tendo finalizado a monitoria, resalto o grande aprimoramento de algumas habilidades como organização, criatividade, comunicação, liderança e autonomia. Concluo que as horas dedicadas para a execução do programa de monitoria acadêmica, se mostra de extremo aproveitamento para os acadêmicos, atuantes ou não no programa. Manter a comunicação entre os alunos e os professores auxilia e assegura um melhor aprendizado e a realização das atividades que compõe a programação das aulas.

Apoio: PROENS - Pró-Reitoria de Ensino/UERGS – Programa de Bolsas de Monitoria.

Palavras-Chave: Monitoria; Acadêmicos; Planejamento.

O ENDIPE e a inovação escolar: análise sobre inovação em escolas estaduais do Município de São Luiz Gonzaga

Beatriz Duarte Pereira¹; Stéfanie da Silva Santos; Bruna de Souza Ferreira; Viviane Maciel Machado Maurente

¹Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS, beatriz-pereira@uergs.edu.br; stefanie-santos@uergs.edu.br; bruna-ferreira02@uergs.edu.br; viviane-maurente@uergs.edu.br

Este estudo está sendo realizado pelos bolsistas de Iniciação Científica do Grupo de Pesquisa Formação de Professores e Inovação Escolar (GPFOPIE), o qual surgiu da necessidade de aprofundar os estudos referentes aos temas de inovação e formação de professores, questões estas tão importantes para a contemporaneidade e o contexto pós pandemia em que estamos vivenciando. Procuramos por meio desta pesquisa investigar o que os educadores pensam sobre o termo “inovação escolar” e como ela ocorre no exercício pedagógico do professor em sala de aula, uma vez que, para se adequar a crise pandêmica ocasionada pela COVID-19 no ano de 2020 os professores tiveram que buscar por diferentes práticas de ensino e novas formas de ensinar durante o distanciamento social, inovando saberes e metodologias, reinventando novos modo de ser professor. Sendo assim, se faz necessário compreender quais discussões já foram realizadas sobre a temática da inovação, para que a partir desse levantamento seja possível realizar novos estudos, relações com as práticas e melhorias da práxis enquanto educadores. Este estudo também se aprofunda nas teorias freireanas buscando entrelaçá-las com a temática de inovação escolar. A partir disso, tem como intuito realizar uma revisão bibliográfica sobre as publicações no ENDIPE (Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino), com a temática de inovação escolar, analisando as publicações disponíveis entre os anos de 1982 a 2018, e uma pesquisa de campo para saber o que os professores da rede estadual de ensino da cidade de São Luiz Gonzaga pensam sobre a inovação e como ela é exercida não só em sala de aula, mas no “ser professor” como um todo, relacionando a teoria com a prática para melhor compreensão do objeto pesquisado. Identificamos que a produção sobre essa temática não foi significativa no evento, mas é relevante para o entendimento do cenário atual, pois a partir do aprofundamento do conceito de inovação dentro da educação torna-se possível compreender melhor a relação teoria-prática e refletir sobre a nossa prática enquanto educadores. Oliveira (2019) traz em sua pesquisa o entendimento de que a escola precisa manter uma certa estabilidade, porém não pode negar a inovação no sentido de novas práticas e metodologias com intuito de atender as demandas que vão surgindo. Apesar da inovação muitas vezes representar a incerteza, também pode representar a flexibilidade, renovação, ressignificação e transformação. Desta forma, a pesquisa sobre inovação no atual cenário em que estamos inseridos é de suma importância para a formação de professores, pois vivemos em um mundo que está em constante transformação e se faz necessário encontrar novos métodos e estratégias para se adequar em meio as adversidades, principalmente no que diz respeito a educação.

Palavras-chave: inovação; prática docente; metodologias; formação de professores.

Revista Metamorfose: espaço de divulgação e geração de aprendizagens na Uergs

Juliana Terezinha de Oliveira¹; Luciane Sippert LanzaNova; Mastrângello Enivar LanzaNova

¹Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), Juliana-oliveira@uergs.edu.br; Luciane-sippert@uergs.edu.br; mastrangelo-lanzaNova@uergs.edu.br.

Este projeto de extensão atende a necessidade de manter um espaço para divulgação das ações realizadas na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), de maneira que as atividades sejam comunicadas para a sociedade por meio de uma Revista Online. Este espaço de veiculação de informações possibilita que discentes, docentes e funcionários que atuam nas diferentes Unidades possam compartilhar com o público interno e externo as atividades por eles desenvolvidas. Nesse sentido, o projeto tem como objetivo geral ampliar os espaços de divulgação das ações de ensino, pesquisa e extensão da UERGS, estreitando os vínculos entre as Unidades e destas com a comunidade em que estão inseridas, dando uma maior visibilidade à instituição. O projeto “Metamorfose” está em seu nono ano consecutivo, sendo que nos primeiros cinco anos estava direcionado ao Campus Regional IV, e desde o ano de 2019 passou a contemplar os sete Campi Regionais da UERGS, passando a ser Revista Metamorfose. A partir do ano 2020, passou a ser exclusivamente online, por meio do Blog Metamorfose (<https://jornalmetamorfoseuergs.blogspot.com/>) e do site da Revista Online Metamorfose (<https://metamorfose.uergs.edu.br/in%C3%ADcio>) visando a sustentabilidade e o acompanhamento das tendências mundiais de utilização das tecnologias. Neste ano, o projeto além de estar elaborando a 3ª edição especial da Revista Metamorfose voltada para as pesquisas elaboradas em 2020 e 2021 durante a Pandemia do COVID-19, também divulgou as ações, projetos e produções acadêmicas desenvolvidas na Uergs através do Blogger “Metamorfose”. A divulgação das ações de ensino, pesquisa e extensão faz com que as ações da universidade não se atenham ao ambiente acadêmico e tanto as atividades em elaboração quanto as já desenvolvidas, permitem maior contribuição na vida dos leitores, avaliando e acompanhando as ações da UERGS em prol do desenvolvimento sustentável, atendendo a missão e visão da instituição.

Palavras-chave: edição; pandemia; projetos.

Educação ambiental no ensino remoto: uma análise dos desafios e mudanças encontrados durante a pandemia covid-19

Tuisi Rossini¹; Luciane Sippert Lanzaova; Ramiro Pereira Bisognin; Danni Maisa da Silva; Mastrângello Enivar Lanzaova

¹Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS) tuisi-rossini@uergs.edu.br; luciane-sippert@uergs.edu.br; ramiro-bisognin@uergs.edu.br; danni-silva@uergs.edu.br; mastrangelo-lanzaova@uergs.edu.br

A preocupação com o meio ambiente tem gerado inúmeras discussões nas últimas décadas. Diante disso, tem-se buscado alternativas que contribuam para a educação ambiental (EA) da sociedade para garantir a sobrevivência das futuras gerações e ajudar na manutenção de um meio ambiente ecologicamente equilibrado. Nesse sentido, buscou-se entender como as tecnologias educacionais empregadas durante o período da Pandemia da Covid-19, por meio do ensino remoto, podem contribuir para que a EA se torne uma importante aliada do currículo escolar na busca de um conhecimento integrado que supere as fragmentações. Assim sendo, a presente revisão que faz parte do projeto “UERGS e a Educação Ambiental: agir no presente para garantir o futuro das novas gerações” teve como objetivo analisar os trabalhos publicados, em periódicos científicos, sobre a EA em tempos de pandemia da Covid-19, localizados por meio na plataforma Google Acadêmico, publicados nos anos de 2020 e 2021. Neste período, foram encontrados vinte artigos publicados sobre o tema. Os resultados foram analisados e apresentados em três categorias: EA em tempos de pandemia, abrangendo sete trabalhos; EA e as tecnologias, com quatro trabalhos; ações educativas desenvolvidas em prol da EA, com nove trabalhos publicados. A pandemia da Covid-19 trouxe diversos impactos aos aspectos sustentáveis e educacionais nas instituições de ensino. Constatou-se que o isolamento social causado pela pandemia transformou as formas de ensino e aprendizagem por meio de recursos tecnológicos, embora, se crie uma barreira ao ensino a distância, levando em conta a situação de vulnerabilidade econômica que muitos estudantes vivenciam. Os inúmeros estudos publicados demonstraram a importância das diferentes formas de tecnologia para desenvolver um trabalho com a EA por meio do ensino remoto. Além disso, medidas simples também foram sugeridas para serem adotadas a fim de evitar ou pelo menos conviver neste ambiente caótico, oferecendo suporte às crianças e aos jovens, estabelecendo, por exemplo, uma rotina, dividindo as tarefas domésticas entre todos os familiares, organizando o espaço para estudo, preservando os horários livres e desenvolvendo conversas e leituras para as crianças. A EA deveria ser trabalhada de maneira importante dentro do plano de aprendizagem, em todas as suas dimensões, orientando e desenvolvendo formas de cuidado, buscando a interdisciplinaridade, sem ficar restrita às datas comemorativas que tem como tema gerador o “meio ambiente”. A EA, em todas as suas dimensões, deveria orientar e desenvolver formas de cuidado, considerando os mais vulneráveis como prioridade, visto que estes são os que mais tiveram suas vidas abaladas. Este estudo reforçou a necessidade de diagnosticar o que está efetivamente acontecendo nas escolas após este período pandêmico, bem como pensar alternativas para contribuir com os educadores neste trabalho.

Apoio: Bolsa de Iniciação Científica INICIE - UERGS.

Palavras-chave: Sustentabilidade; SARS-CoV-2; Ensino Virtual.

Histórias de vida. Histórias da escola. Histórias de racismos

Luana de Matos Rodrigues¹; Rita Cristine Basso Soares Severo; Célia Júlia do Nascimento Rodrigues

¹Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), – luana-rodrigues@uergs.edu.br; rita-severo@uergs.edu.br; celia-rodrigues01@uergs.edu.br

A educação e a escola insistem em ser incolor num país cuja pobreza tem cor. A cor da pele é um marcador social. O racismo no Brasil está na música, no vocabulário, nas piadas, nos nossos livros, na televisão, e até nos nossos livros didáticos. A necessidade de uma Educação Antirracista pode ser pensada em duas perspectivas. A Lei 10.639/03 alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) e incluiu a obrigatoriedade do estudo da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, estão prestes a completar 20 anos da existência, muitas coisas ainda precisam ser feitas e sabemos que não raramente esbarramos com o racismo no contexto educacional. Nesta direção este estudo de experiências, que originou-se do componente de Infâncias e Culturas, tem como **objetivo geral**: Compreender a necessidade de uma educação antirracista no cotidiano escolar. **Os objetivos específicos** são: discutir práticas racistas no cotidiano escolar; conhecer as histórias de racismos vivenciadas por jovens do Ensino Médio de uma escola pública. Os percursos metodológicos da pesquisa estão ancorados numa pesquisa qualitativa que tem nas histórias de vida uma possibilidade de investigação, permitindo as pesquisadoras voltar seus olhares a uma dimensão individual que as leva para o entendimento do social respeitando as singularidades dos participantes da pesquisa. A história de vida pode ser considerada um “relato de um narrador sobre sua existência através do tempo, tentando reconstituir os acontecimentos que vivenciou e transmitir a experiência que adquiriu” (QUEIROZ, 1988, p, 20). Assim, a partir das análises iniciais, este estudo apresenta um recorte dos depoimentos dos sujeitos da pesquisa, onde eles narram vivências de racismo nos espaços escolares. Como considerações iniciais entenderam que existem práticas racistas e racismo estrutural nas relações escolares. Tais práticas são mais óbvias quando se trata de uma discriminação, uma injúria racial, em que um sujeito comete um ato contra o outro. Mas como estamos falando de racismo estrutural, isso significa que não está no sujeito, mas nas estruturas, ou seja, naquilo que dá base às relações. Assim, estamos diante da necessidade de promover a educação e a diversidade étnico-racial, espera-se que as reflexões presentes neste estudo colaborem para a prática de uma educação antirracista, sobretudo diante do racismo epistêmico que é afirmado cotidianamente, nos brancos, cadernos e livros da educação nacional que ainda se constituem com base no sujeito universal inexistente. E mais, para uma inovação curricular faz-se urgente uma ruptura epistemológica e cultural nos currículos e principalmente na formação docente o enfrentamento contra o modelo europeu de construção de identidades, requer a incumbência de demolir estereótipos e preconceitos que povoam as abordagens sobre culturas e identidades de alunos (as) e professores (as) negros (as), brancos (as).

Palavras-chave: Educação; Formação de professores; Educação antirracista.

A Epistemologia de Ludwick Fleck na Formação de Professores.

Rafaela Fraga Beltrão¹; Viviane Machado Maurente

Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), rafaela-beltrao@uergs.edu.br; viviane-maurente@uergs.edu.br

Este estudo faz parte de uma pesquisa maior junto ao Grupo de Pesquisa Formação de Professores e Inovação Escolar (GPFOPIE), que versa em aproximar a epistemologia de Ludwick Fleck do campo de estudos da formação de professores. Entendemos a formação permanente de professores como momentos de formação coletiva a partir de trocas entre seus pares de acordo com a realidade da comunidade escolar e as demandas dos coletivos de professores. Ao aproximar Fleck do campo de pesquisa da formação e professores buscamos por alternativas que quebre a forma generalista de treinamento de longa duração, que se caracteriza por ser passivo, exposto e impõe seu conhecimento na ideia de apontar uma solução pronta para o problema final. É com este olhar epistemológico que essa pesquisa está sendo realizada junto a outras pesquisas maiores que fazem parte do Mestrado Profissional em Educação – Linha de Pesquisa 1/Contextos, Cotidianos Educativos e Formação das docências. Consta de uma pesquisa de iniciação científica que iniciou no mês de agosto de 2022, que se encontra na fase de responder ao seu primeiro objetivo específico que é compreender a epistemologia de Fleck dialogando com a formação permanente de professores. Se ancora na abordagem qualitativa de cunho exploratório e bibliográfico. Ludwik Fleck foi um médico e epistemólogo nascido na Polônia no final do século 19. De descendência judaica, foi enviado com sua família para um campo de concentração durante a segunda guerra mundial, onde trabalhou no desenvolvimento e produção de uma vacina contra o tifo. Apesar de ter tido várias publicações científicas na área da saúde, sua notoriedade atual se deu por seu trabalho sobre a história e sociologia da ciência. Fleck faleceu em 1961, tendo escrito ao longo de sua vida apenas um livro e sete artigos sobre aspectos epistemológicos da ciência. O que chama a atenção na obra de Fleck, é que sua notoriedade neste campo se deu algumas décadas após sua morte, tendo o livro *Gênese e Desenvolvimento de um Fato Científico*, publicação original do autor em 1935, passado anos longe dos olhares da sociedade científica (CONDÉ, 2012). O trabalho de Fleck começa a chamar a atenção da comunidade científica a partir de uma publicação de Thomas Kuhn, onde este cita o livro do médico polonês como uma das obras que influenciaram o seu pensamento. Assim, Fleck ganha notoriedade, sua obra começa a ser reeditada em várias línguas, sendo referência de grandes pesquisadores (LOWY, 2012). No Brasil, Fleck começa a ser utilizado como referência em pesquisas acadêmicas, no que tange dissertações e teses, a partir de 1990 (LORENZETI; MUENCHEN; SLONGO, 2013). Ao longo destas últimas 3 décadas, tem sido crescente a referência ao teórico em pesquisas realizadas no Brasil, principalmente na área de educação em ciências. A fim de disseminar sua epistemologia para outras áreas do conhecimento, o Grupo de Pesquisa Formação de Professores e Inovação Escolar através de uma dissertação de Mestrado de autoria de Silveira e Maurente (2021) aproxima a epistemologia de Fleck da formação de professores da área da Pedagogia, dialogando com os conceitos fleckianos e a formação permanente de professores. Outras duas pesquisas de iniciação científicas também estão se propondo a dialogar com Fleck na formação de professores. Ao finalizarmos o estudo sobre a epistemologia fleckiana e a formação permanente de professores, passaremos para próxima etapa que consta de entender junto aos professores que atuam nos Anos Iniciais como os conceitos fleckianos dialogam com a formação de professores, e após propor uma formação inspirada nesta epistemologia.

Palavras-chave: Epistemologia. Fleck. Formação de professores.

Estilo de Pensamento em Ludwik Fleck e a formação permanente de professores

Valéria Tanise de Quadros Morais¹; Viviane Maciel Machado Maurente

¹Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), valeria-morais@uergs.edu.br; viviane-maurente@uergs.edu.br

O trabalho de pesquisa em questão, que leva como título “Estilo de pensamento de um coletivo de professores da Educação Infantil acerca da formação permanente de professores”, está baseado em leituras e estudo de pesquisas já realizadas sobre o autor Ludwik Fleck. As pesquisas servem como uma forma de mostrar aos futuros professores e aos já formados a importância de buscar novos conhecimentos, já que é preciso ser inovador, criativo e desafiador perante os alunos. Essa formação não se encerra na graduação ou licenciatura pois a medida que a sociedade se transforma constantemente; para se adequar às exigências e demandas, os docentes devem se capacitar continuamente. A modalidade de pesquisa visa ampliar e agregar no processo de conhecimento e humanização por meio da reflexão crítica sobre práticas educativas, sejam elas pedagógicas ou docentes, podendo possibilitar modificação nos estilos de pensamentos dos profissionais e as influências dessa mudança. O epistemólogo Fleck era um médico e biólogo judeu-polaco que criou na década de 1930 o conceito de “pensamento coletivo”. Este conceito teve grande importância em história, filosofia e sociologia da ciência pois este permite a compreensão de que as ideias científicas podem se modificar ao longo do tempo. Durante a guerra, Fleck prosseguiu com suas pesquisas e desenvolveu, a partir da urina dos infectados por tifo, uma vacina para a doença. Interessados na sua formação e habilidade científica, os nazistas preservaram sua vida diante desta descoberta. A abordagem hoje conhecida como “construtivismo social” era uma visão do autor de que o desenvolvimento das ideias científicas não era meramente acumulativas ou unidirecionais, mas também na derrubada de ideias antigas. O autor da obra “Gênese e desenvolvimento de um fato científico”, por meio do estudo de caso de uma doença, contribuiu no processo de construção da Ciência, sendo atualmente uma referência no Brasil no desenvolvimento de pesquisas em educação científica a partir de seus preceitos teóricos. Mesmo em fase inicial do projeto de pesquisa, podemos, através das teorias que fundamentam, entender o estreitamento da relação da prática pedagógica dos professores com a reflexão crítica ao apropriar-se do instrumento de pesquisa, pois por intermédio desta, o professor conseguirá ter uma atitude e uma análise de pensamento diferenciado.

APOIO: Projeto Estilo de pensamento de um coletivo de professores da Educação Infantil acerca da formação permanente de professores, apoiado com recurso proveniente de PROPPG/EDITAL 001/2021 – INICIE – Ações Afirmativas - UERGS.

Palavras-chave: Fleck, formação de professores, pesquisa.

Novos modos de ser/estar docente na pandemia da Covid 19

Beatriz Duarte Pereira¹; Neila Ana Provenzi

¹Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, beatriz-pereira@uergs.edu.br; neila-provenzi@uergs.edu.br

Este estudo está sendo realizado a partir de uma pesquisa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), que tem como intuito compreender como a pandemia pode produzir novos modos de docência e vivências pedagógicas em sala de aula, pois o contexto pandêmico, ocasionado pela Covid-19 no ano de 2020, trouxe várias mudanças na nossa sociedade e no mundo como um todo, e no que diz respeito a educação também acarretou em muitas adversidades e transformações. Desta forma, a crise pandêmica foi o trampolim para se pensar a formação de professores, à docência, suas práticas pedagógicas e os métodos utilizados por estes sujeitos para se adequar ao período de distanciamento social e as aulas remotas no contexto escolar, nos levando a pensar à docência neste momento e o exercício pedagógico do educador, permitindo construir um novo (outro) modo de ser professor e contribuindo para a formação da identidade docente. Partindo desta perspectiva, este projeto tem como prisma investigar os impactos da pandemia e seus impulsos para se pensar novos modos de docência e vivências pedagógicas em sala de aula, e as estratégias encontradas pelos discentes para se adaptar ao contexto pandêmico. Sendo assim, a pandemia foi um dos motivos que instigou minha curiosidade em relação ao ser professor em meio a este momento, onde me fez questionar como a pandemia pode produzir novos modos de docência e vivências pedagógicas em sala de aula? Como é ensinar durante o distanciamento social? Como são as metodologias e práticas realizadas no ensino remoto? Quais os saberes utilizados por estes sujeitos para se adequar ao contexto pandêmico e proporcionar um processo de aprendizagem e desenvolvimento de qualidade? Neste sentido, este estudo está sendo realizado afim de mostrar aos professores que é preciso, apesar das adversidades, se reinventar e ressignificar o estado das coisas, dar espaço e estar aberto para o novo, ter coragem de tornar real um novo possível e explorar novas alternativas e esquemas para concretizá-lo, indo em busca de novas práticas pedagógicas, metodologias e estratégias que proporcionem ao educando um processo de desenvolvimento e aprendizagem de qualidade e efetivo, assim, oportunizando a construção de saberes adequados e que atendam às necessidades e demandas dos educandos e da instituição escolar. Portanto, a situação adversa em que vivemos com o início da pandemia nos tem levado a repensar as práticas e vivências em sala de aula, possibilitando ao docente ir atrás de renovação, criatividade e inovação, nos proporcionado pensar em um novo possível, onde as desigualdades não sejam massacrantes, que todos possam ter acesso à escola e a uma saúde de qualidade, que todos possam ter as mesmas oportunidades, e que o sistema não seja tão discriminatório, injusto e desigual.

Palavras-chave: formação de professores; pandemia; práticas pedagógicas; metodologias; saberes docentes.

Pedagogia - licenciatura: desafios, evasões e desistências no contexto da pandemia da Covid-19 na Universidade Estadual Do Rio Grande Do Sul (UERGS)

Amanda Garcia Mousquer¹; Rita Cristine Basso Soares Severo; Cristiane Barcellos Bocacio

¹Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), amanda-mousquer@uergs.edu.br; Rita-severo@uergs.edu.br; cristiane-bocacio@uergs.edu.br

No contexto contemporâneo a profissão docente depara-se com a baixa atratividade da profissão, pesquisas apontam a queda na procura por cursos de licenciaturas. Baixos salários e a desvalorização profissional são algumas das causas, que assolam a formação em licenciatura hoje. Um indicador preocupante para todas as Universidades Públicas e Privadas está expresso na relação candidato/vaga dos últimos ingressos nos Cursos de Licenciatura. Outro fator desafiante para as Universidades está associado ao número elevado de evasões dos cursos, que podem estar ligadas a fatores sócios- econômicos fundamentalmente ligados à necessidade de os estudantes adentrarem ao mercado de trabalho ao longo de sua trajetória universitária. Tal necessidade que se fortaleceu no contexto da pandemia do COVID-19. Então, esta pesquisa teve como passo inicial analisar os dados obtidos através dos levantamentos da superintendência de planejamento (SUPLAN) entre 2017 e 2020, e outros que foram coletados na secretaria da Unidade de São Luiz Gonzaga. No início de 2021, aplicamos um formulário do Google onde interrogamos os estudantes do Curso de Licenciatura da Unidade Universitária de São Luiz Gonzaga, sobre os desafios encontrados no ensino remoto durante a Pandemia da COVID- 19 e quais outros motivos que fizeram-lhes desistir do Curso de Pedagogia – Licenciatura, porém não obtivemos muitas respostas neste formulário. Desta forma, continuamos analisando a vida dos acadêmicos e suas dificuldades através das aulas e das reuniões do colegiado do curso. Já em 2022, retornamos com um novo formulário o qual, a maioria dos alunos respondeu. Também no retorno das aulas híbridas deste ano, com todos os cuidados para prevenção do vírus, fizemos uma roda de conversa, com a turma do Curso de Pedagogia – Licenciatura ingressante em 2020/1. Após a pesquisa realizada através do formulário do Google, buscamos dados atualizados de matrículas e perdas de vínculos com a secretaria da Unidade Universitária de São Luiz Gonzaga para sabermos a quantidade de alunos que temos atualmente, das três turmas do Curso de Pedagogia - Licenciatura. A partir das análises realizadas podemos inferir que a maioria das evasões e desistências que aconteceram em 2020 no Curso de Graduação em Pedagogia-Licenciatura da UERGS podem ter sido causadas pela falta de acesso as tecnologias necessárias para o ensino remoto, alternativa construída pela Universidade juntamente com a comunidade acadêmica para não permanecermos sem aulas, por conta do isolamento social para evitar a contaminação e proliferação do vírus.

Apoio: Bolsa de Pesquisa INICIE – 2021/2022 – UERGS

Palavras-chave: Docência; Ensino remoto; Formação.

Produção e consumo de mel e derivados: benefícios para a cadeia produtiva e para a saúde humana

Abigayll Santos Baierle¹; Fernanda Leal Leães; Rafael Narciso Meirelles; Eduarda Letícia Ruaro; Andressa Pedroso Carlotto de Souza; Flávia Dornelles Gomes

¹ Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS); abigayll-baierle@uergs.edu.br; fernanda-leaes@uergs.edu.br; rafael-meirelles@uergs.edu.br; eduarda-ruaro@uergs.edu.br; andressa-carlotto@uergs.edu.br; flavia-gomes@uergs.edu.br

A busca por alimentos naturais e com propriedades funcionais vem aumentando nos últimos anos, devido à procura dos consumidores por alimentos mais saudáveis e benéficos à saúde. Assim o mel de abelhas sem ferrão (meliponíneas), o mel de *Apis mellifera* e seus derivados (produtos apícolas - própolis, pólen, geleia real e apitoxina) tem se destacado no mercado por serem fontes de compostos bioativos e nutrientes como minerais, aminoácidos, carboidratos, vitaminas, fitoesteróis e polifenóis. O mel é definido como o produto alimentício produzido por abelhas melíferas, a partir do néctar das flores e de outras partes extraflorais, que as abelhas recolhem, transformam, combinam com substâncias específicas próprias, armazenam e deixam madurar nos favos das colmeias. O mel é conhecido e apreciado pelos consumidores devido suas características sensoriais e suas propriedades nutricionais e terapêuticas. Este alimento é consumido e conhecido há mais de 200 mil anos pelo homem, além de ser rodeado de misticismos, lendas e crenças. A grande quantidade de hidratos de carbono, principalmente glicose e frutose, faz do mel um alimento energético de grande qualidade capaz de aumentar o nível de energia do corpo humano, além de possuir atividade antioxidante e propriedades antimicrobianas, que podem auxiliar no combate dos sintomas de resfriados, na cicatrização de feridas, tratamento do câncer, dentre outros, por esses motivos, o mel está se tornando cada vez mais popular entre os consumidores. Os consumidores estão cada vez mais exigentes e vários fatores podem influenciar no comportamento e consumo tais como: segurança, confiabilidade, preço, marca, origem, acessibilidade ao produto, hábitos alimentares, benefícios à saúde, emoções e sensações geradas no ato de comer determinados produtos alimentícios. Assim, analisar como os consumidores compram, utilizam e avaliam o que consomem permite definir estratégias mercadológicas mais efetivas ao longo de uma cadeia produtiva, que otimizem esforços e possibilitem agregar valor aos produtos. Desta forma, este projeto de extensão tem como objetivo conhecer os hábitos de consumo e realizar ações de extensão para divulgação dos benefícios da produção e consumo de mel e derivados. Desde o início do projeto, já foram montados e divulgados cards com os benefícios e tipos de méis nas redes sociais da universidade, também estiveram presentes em dois eventos do projeto Formação de novos meliponicultores na região histórica das Missões RS para falar sobre os tipos e características de méis de abelhas sem-ferrão e realizar a coleta de dados através de questionário sobre os perfis de consumidores. Com esse projeto, espera-se conhecer o perfil de consumidores e incentivar o consumo de mel e derivados.

APOIO: Bolsa Programa Institucional de Bolsa de Extensão (Probex)

Palavras-chave: meliponicultura; produção de mel; consumidor; produtor.

Pureza de méis de *Tetragonisca* sp. produzidos em São Luiz Gonzaga-RS

Eduarda Letícia Ruaro¹; Fernanda Leal Leães; Andressa Pedroso Carlotto de Souza;
Rafael Narciso Meirelles; Abigayll Santos Baierle

¹Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), eduarda-ruaro@uergs.edu.br; fernanda-leaes@uergs.edu.br; andressa-carlotto@uergs.edu.br; rafael-meirelles@uergs.edu.br; abigayll-baierle@uergs.edu.br

A *Tetragonisca* spp. é uma abelha-sem-ferrão, popularmente conhecida como jataí, esta é amplamente distribuída no território nacional. No Rio Grande do Sul tem-se a ocorrência de duas espécies, a *Tetragonisca angustula* e a *Tetragonisca fiebrigi*. A criação de abelhas sem ferrão tem aumentado significativamente nos últimos anos, especialmente entre os criadores hobbystas e em áreas urbanas, devido estas possuírem ferrão atrofiado e serem pouco defensivas, os produtos obtidos são destinados para o consumo próprio em suma maioria. A jataí produz cerca de 1kg de mel/colmeia/ano, sendo o mesmo menos viscoso e menos doce quando comparado com méis de *Apis mellifera* e com sabor levemente ácido, estas particularidades sensoriais associadas às suas propriedades medicinais, tem influenciado positivamente no crescimento da demanda de méis de meliponíneos. O teor de sólidos insolúveis (SI) indica a pureza do mel, logo, partículas de cera, partes de abelhas, sujidades presentes na colônia, bem como, outros contaminantes fazem com que se eleve o teor de SI. Criadores iniciantes não possuem domínio sobre as técnicas de colheita e beneficiamento do mel, conseqüentemente, este fator pode contribuir para o aumento de SI e reduzir a qualidade e longevidade do produto. Desse modo, o objetivo do estudo foi avaliar a pureza dos méis de jataí produzidos no município de São Luiz Gonzaga. Para isso, determinou-se através de análise gravimétrica o teor de impurezas insolúveis em água, conforme descrito pelo Instituto Adolfo Lutz (2008), de 15 amostras de méis de jataí, das safras de 2020/2021 e 2021/2022, estas foram armazenadas sob refrigeração até o momento da análise. Nas amostras de mel analisadas foram encontrados valores que variam de 1,71% a 7,04% de sólidos insolúveis, estando desta forma acima do padrão exigido para *A. mellifera*, bem como, para o valor de referência sugerido na literatura para abelhas-sem-ferrão que é de 0,4g/100g. Tendo em vista que o modo de coleta e beneficiamento do mel influencia diretamente no teor de sólidos insolúveis, bem como, as contaminações que podem ocorrer, devido a coleta e manipulação no beneficiamento inadequada, torna-se muito importante a abordagem deste tipo de assunto, através de minicursos, vídeos informativos e outras formas de comunicação, além da realização de treinamentos, com intuito de informar/orientar o meliponicultor. Portanto, a universidade através da extensão, pode contribuir significativamente à atividade meliponicultora, possibilitando que por meio da transferência de conhecimento, o mel produzido no município e região tenha maior qualidade e segurança higiênico-sanitária.

APOIO: Bolsa Inicie/UERGS.

Palavras-chave: Abelha-sem-ferrão; higiênico-sanitária; sólidos insolúveis.

Gradiente colorimétrico de méis de meliponíneos de São Luiz Gonzaga-RS

Eduarda Letícia Ruaro¹; Fernanda Leal Leães; Andressa Pedroso Carlotto de Souza;
Rafael Narciso Meirelles; Abigayll Santos Baierle

¹Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS); eduarda-ruaro@uergs.edu.br; fernanda-leaes@uergs.edu.br;
andressa-carlotto@uergs.edu.br; rafael-meirelles@uergs.edu.br; abigayll-baierle@uergs.edu.br

Atualmente a criação de abelhas-sem-ferrão e a procura dos produtos desta atividade se encontram em ascensão. O mel de meliponíneos apresenta características distintas dos méis de *Apis mellifera*, sendo este menos viscoso, menos doce e levemente ácido, deste modo, apresenta um nicho de mercado diferenciado, pois o mesmo apresenta valores de comercialização superiores ao mel de *A. mellifera*, logo, compensa o baixo rendimento produtivo obtido por colônia. A cor pode variar de quase incolor até pardo-escuro, sendo esta influenciada pela constituição da flora em que ocorreu o forrageamento, o processamento, armazenamento, aspectos climáticos durante o fluxo do néctar, a temperatura na qual o mel “amadureceu” na colônia e o teor de minerais presente no mel. A intensificação da cor do mel está relacionada com os seguintes fatores: reações das substâncias polifenólicas, presença de sais de ferro, a instabilidade do monossacarídeo frutose em solução ácida e com a produção de hidroximetilfurfural. Durante o armazenamento, o mel tende a tornar-se mais escuro, sendo que altas temperaturas aceleram este processo. A cor é uma das características sensoriais que influenciam na preferência do consumidor, devido muitas vezes este escolher o produto a partir de sua aparência. Em relação aos méis de *A. mellifera*, as tonalidades claras comparadas com as tonalidades escuras, apresentam maior valor comercial, isto pode se refletir nos méis de meliponíneos apresentando maior preferência pelas tonalidades claras. Deste modo, teve-se como objetivo analisar a coloração de méis de diferentes espécies de meliponíneos criados em São Luiz Gonzaga-RS. Para isso, utilizou-se 17 amostras de méis de *Tetragonisca* spp. e *Scaptotrigona bipunctata* das safras 2020/2021 e 2021/2022, que permaneceram sob refrigeração até o momento da análise. A análise foi realizada através do método colorimétrico em espectrofotômetro, sendo classificado conforme escala Pfund. Constatou-se que a cor âmbar-claro foi predominante, presente em 58,83% das amostras analisadas, seguidas da cor âmbar (23,52%), âmbar-extra-claro (5,88%) e âmbar-escuro (11,76%). Este resultado demonstra que no quesito coloração, os méis de meliponíneos produzidos no município de São Luiz Gonzaga, tendem a ser facilmente aceitos pelos consumidores. Para a confirmação desta hipótese, sugere-se a realização de análises sensoriais, com foco na aceitabilidade dos méis de meliponíneos produzidos em São Luiz Gonzaga.

APOIO: Bolsa Inicie/UERGS.

Palavras-chaves: Cor; característica sensorial; abelha-sem-ferrão.

Análise microbiológica de méis de abelhas nativas produzidos na Região das Missões – RS

Jaine Diniz dos Santos¹; Fernanda Leal Leães; Rafael Narciso Meirelles; Eduarda Letícia Ruaro

¹ Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS); jaine-santos@uergs.edu.br; fernanda-leaes@uergs.edu.br; rafael-meirelles@uergs.edu.br; eduarda-ruaro@uergs.edu.br

O Mel de Abelha sem Ferrão é definido como um produto natural elaborado pelas abelhas *Meliponinae* a partir do néctar das flores, de secreções de partes vivas das plantas ou de excreções em forma de líquidos açucarados de homópteros que as abelhas recolhem. Apesar de o Brasil possuir uma grande variedade de espécies de abelhas nativas, a produção e comercialização do mel é basicamente realizada a partir do mel produzido pela espécie de abelha *A. mellifera*, originária da Europa e da África. Em função disso, a legislação que padroniza o mel para fins de comercialização só possui requisitos de qualidade para o mel da *A. mellifera*. O objetivo desta pesquisa foi avaliar a qualidade microbiológica de sete amostras de mel de abelha Jatai (*Tetragonisca angustula*), produzido em diferentes municípios da região das Missões – RS. Para isso, foram analisados os parâmetros microbiológicos para microrganismos do grupo coliformes a 35° C e 45°C e bolores e leveduras. Das sete amostras, cinco apresentaram resultados inferiores a 3NMP/g para coliformes a 35°C e 45°C. Apenas uma amostra apresentou resultado elevado, 23 NMP/g, para coliformes a 35°C. Os resultados obtidos para bolores e leveduras ficaram na casa de 10⁶UFC/g para seis amostras e apenas uma amostra apresentou 10⁷UFC/g. Segundo a legislação do estado de São Paulo, os critérios microbiológicos para bolores e leveduras devem ser inferiores a 10⁴UFC/g. Com relação aos critérios microbiológicos para coliformes a 45°C, no estado de São Paulo, os valores não devem ultrapassar 10²UFC/g (resultados na casa da centena para NMP/g). Desta forma, podemos considerar que os méis analisados se encontram adequados no que diz respeito aos resultados de coliformes, porém está fora dos padrões microbiológicos para bolores e leveduras. Esses resultados demonstram a importância das boas práticas apícolas e de manipulação durante todas as etapas de obtenção e comercialização de méis.

Palavras-chave: meliponicultura; qualidade sanitária; critérios microbiológicos

Avaliação da ação das raízes das plantas de cobertura nas propriedades físicas e hídricas em um Latossolo Vermelho compactado em subsuperfície

Jackson Luis dos Santos Schmitz¹; Rosicler Alonso Backes; Juliano Ferreira Dutra;
Sandro Feijó Matos

¹ Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS); jackson-schmitz@uergs.edu.br; rosicler-backes@uergs.edu.br; juliano-dutra@uergs.edu.br; sandro-matos@uergs.edu.br

A adoção parcial do Sistema Plantio Direto, sem atender os requisitos mínimos como a ausência de revolvimento, rotação de culturas, e cobertura, tem contribuído para a degradação estrutural do solo, podendo interferir na produtividade das culturas agrícolas. A compactação dos solos na região Noroeste do estado do Rio Grande do Sul tem sido promovida pelo mau manejo, pela ação do tráfego de máquinas e pisoteio de animais, reduzindo a porosidade e o fluxo descendente de água no solo. Além disso, se verifica áreas que substituem o plantio em nível pelo plantio morro abaixo, ausência ou insuficiência de palhada na superfície, contribuindo para perdas de solo e água. Com isso somam-se os problemas ambientais de poluição e assoreamento dos corpos hídricos. O objetivo desse estudo foi avaliar a influência das plantas de cobertura de Primavera/verão, da família Fabaceae, nos atributos físicos e hídricos do solo, em plantio direto (PD), em um Latossolo Vermelho Distroférico típico. Este experimento foi conduzido de outubro do ano de 2018 a outubro de 2022, na área experimental da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS) em São Luiz Gonzaga, RS. Essa área estava sendo utilizada com cultivos agrícolas anuais na sequência soja/trigo, com práticas mínimas de conservação, favorecendo a compactação do solo nas camadas subsuperficiais. O presente estudo contempla quatro tratamentos sendo três espécies de plantas de cobertura e uma testemunha, com três repetições. Cada parcela possui 10m², totalizando 12 parcelas. Os tratamentos são: T1-*Crotalaria spectabilis*, T2-*Cajanus cajan*, T3-*Canavalia ensiformis*, T4- testemunha. A camada compactada foi identificada através do diagnóstico dos atributos físicos e morfológicos do solo, e as avaliações usadas foram a densidade do solo, porosidade total, resistência ao penetrometro, infiltração de água no solo. Foram coletadas amostras de solo com estrutura preservada nas profundidades de 0- 10 cm, 10-20 cm, 20-30 cm, 30-40 cm, com anéis metálicos. A capacidade de infiltração de água no solo foi medida pelo infiltrômetro de duplo anel concêntrico. Verificaram-se melhorias na densidade do solo (DS). As médias de DS no início da implantação foi de 1,50 Mg.m⁻³ e após o estudo a média foi de 1,35 Mg.m⁻³. A taxa de infiltração mostrou-se melhor com o uso de *Cajanus cajan*, (236 mm/h), seguido da *Crotalaria spectabilis* (175 mm/h). É válido destacar que as plantas de cobertura estão estabelecidas há três anos, tempo que pode ser insuficiente para promover alterações permanentes e significativas nestes parâmetros. Entretanto a inclusão das plantas de cobertura pode ter promovido melhoria nas propriedades físicas e na funcionalidade do solo. O estudo está tendo continuidade.

APOIO: Bolsa de iniciação científica Uergs.

Palavras-chave: plantas de cobertura, física do solo, compactação.

Extensão do potencial das plantas de cobertura na conservação do solo e água

Sandro Feijó Matos¹; Rosicler Alonso Backes

¹ Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS); sandro-matos@uergs.edu.br; rosicler-backes@uergs.edu.br

A atividade humana tem provocado grandes mudanças no solo, na atmosfera, na água, na flora e na fauna. A degradação está relacionada com práticas agrícolas intensivas que estimulam a degradação do solo, incluindo perda da biodiversidade e poluição de mananciais superficiais e subterrâneos. O Sistema de Plantio Direto envolve técnicas recomendadas para aumentar a produtividade e a conservação do solo e água, porém a falta de cuidados no manejo pode conduzir a degradação da estrutura, ocasionando a compactação. Esse problema remete a insustentabilidade dos cultivos agrícolas, onde além dos fatores físicos envolve os fatores biológicos e químicos. A introdução e o maior aporte de raízes em camadas compactadas estimulam a atividade micro e macrobiana, que mobiliza as partículas e os agregados depositando mais carbono nessas camadas, melhorando a porosidade. Para manter o solo estruturado, é importante a rotação de culturas e a diversificação do sistema de produção. Nesse sentido, o projeto tem o objetivo de divulgar a dimensão dos benefícios do uso das plantas de cobertura na física do solo. O projeto de extensão está instalado na área experimental da Uergs, e que servirá como difusor de tecnologia para os agricultores e comunidade universitária. As plantas utilizadas são da família Fabaceae, Poaceae e Cruciferae. As práticas utilizadas são a determinação de índices físicos do solo, como densidade do solo e observação no crescimento de raízes. Dessa forma foi implantado na área seis tratamentos com tres repetições, para futuras análises estatísticas, caso seja preciso para auxiliar no projeto de extensão ou proporcionar uma alternativa de trabalho de conclusão de curso para os acadêmicos que possuem afinidade com a ciência do solo. As atividades de extensão a serem realizadas são: dia de campo, aulas práticas nos componentes curriculares com afinidade na área, entre outras atividades. O projeto foi implantado em agosto de 2022. Já foram realizadas aulas práticas nos meses de setembro e outubro do mesmo ano, para as turmas do curso de Agronomia, totalizando aproximadamente 70 alunos. As primeiras avaliações físicas estão sendo realizadas. Com a visita na área foram abordados os temas conservação do solo e água, manejo, uso e aptidão do solo.

APOIO: Bolsa de iniciação científica Uergs.

Palavras-chave: plantas de cobertura, sustentabilidade, agricultura familiar.

Influência do sistema de uso e manejo sobre a qualidade física do solo avaliada pelo DRES- diagnóstico rápido da estrutura do solo

Eduarda Paniz Fontoura¹; Marta Sandra Drescher

¹Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS); eduarda-fontoura@uergs.edu.br; marta-drescher@uergs.edu.br

A qualidade do solo é imprescindível para o sucesso do desenvolvimento das plantas. Para determinar esta qualidade devemos estudar seus atributos físicos, químicos e biológicos. A estrutura física está ligada diretamente com o arranjo dos agregados, os quais são fundamentais para a fertilidade e extremamente vulneráveis ao manejo e técnicas utilizadas. O Diagnóstico Rápido da Estrutura do Solo - DRES é uma metodologia realizada a campo, de forma rápida, simples e de baixo custo, capaz de qualificar a estrutura do solo. Porém este método é relativamente novo e pouco conhecido por técnicos e agricultores, desta forma esse trabalho tem como objetivo avaliar a qualidade estrutural do solo submetido a diferentes tipos de manejos utilizando a metodologia do Diagnóstico Rápido da Estrutura do Solo – DRES. A avaliação foi realizada no dia 23 de outubro de 2022 no município de Dezesseis de Novembro/RS em Latossolo argiloso submetido a diferentes usos e manejos identificados como M1: área remanescente do Bioma Mata Atlântica, M2: área remanescente do Bioma Pampa, M3: pastagens de braquiária seguida de milho, M4: preparo convencional do solo com milho no verão e pastagens no inverno e M5: sistema de plantio direto consolidado, área manejada há 15 anos em sistema plantio direto, sendo que nos últimos 3 anos foi adotado a seguinte rotação de culturas: nabo forrageiro (*Raphanus sativus*L.)/soja (*Glycine max*), trigo no inverno e painço (*Panicum miliaceum* L.) soja no verão, inverno em pousio e nova implantação de painço. No momento da coleta o painço estava em estágio vegetativo. Os resultados obtidos indicaram que a manutenção das áreas com a cobertura natural do solo, ou seja, tanto mata nativa quanto campo nativo, contribuíram para a preservação da qualidade estrutural do solo. A utilização do solo para cultivo de grãos em sistema plantio direto e com rotação de culturas apresentou maior qualidade estrutural do que o manejo do solo com cultura de grãos no verão e gado no inverno em sistema de manejo que contempla intervenção por revolvimento do solo.

Palavras-chave: Indicadores de qualidade; Estrutura do solo; Conservação do solo.

Resistência do solo à penetração em resposta a forma de aplicação e calcário e ao aporte de fitomassa

Fabiele Aparecida Garcia Vedana¹; Marta Sandra Drescher; Vinicius Batista Brum

¹Universidade Estadual do Rio Grande do sul (Uergs); fabiele-vedana@uergs.edu.br; marta-drescher@uergs.edu.br; vinicius-brum@uergs.edu.br

O presente trabalho teve por objetivo conhecer o efeito da adoção de estratégias químicas, físicas e biológicas de mitigar a estratificação química e física da camada superficial do solo sobre sua resistência à penetração mecânica. O experimento foi delineado em blocos ao acaso com quatro repetições, sendo a distribuição dos tratamentos realizada em um esquema fatorial com parcelas subdivididas. Na parcela principal foram alocadas formas de correção da acidez, com dois níveis, aplicação de corretivo em superfície e aplicação de corretivo incorporada por aração; na subparcela: conduziram-se tratamentos que avaliaram adições ao solo de variadas quantidades de fitomassa, a partir de modelos de produção estruturados em uma, duas e três safras por ano agrícola; na subsubparcela: foi realizado comparativo entre formas de semeadura de espécies de verão com semeadora equipada com haste sulcadora estreita e de ação vertical e profunda, contrapondo-se à semeadura de espécies de verão com semeadora equipada exclusivamente com discos. O levantamento dos dados de resistência do solo a penetração mecânica, foi realizada com penetrômetro georreferenciado, seguindo as normas ASAE S 313.3, sendo a resistência aferida até uma profundidade de 0,40m. As avaliações foram realizadas na linha e na entre linha de semeadura, quando a área era cultivada com a cultura da soja. Os resultados obtidos foram submetidos à análise de variância e o teste de hipóteses, para a interação entre os fatores alocados na parcela principal, na subparcela e na subsubparcela e para os efeitos principais dos fatores da parcela principal e da subparcela, nas três camadas avaliadas. Os resultados foram comparados pelo teste de Tukey (p) ao nível de 5% de erro. Todas as análises foram realizadas no pacote estatístico Sisvar. Os resultados obtidos na coleta de fevereiro de 2021, na amostragem da linha de semeadura e na entre linha de semeadura, apresentaram valores que não diferiram entre si, porém com valores superiores àqueles assumidos como críticos para a cultura em todos os tratamentos. Abaixo de 10 cm de profundidade os valores médios de resistência a penetração foram muito altos e ficaram acima do limite crítico de 2000 KPa atingindo valores superiores a 5000 KPa o que indica que as culturas encontram limitações físicas ao crescimento das raízes. Devido à alta deposição de fitomassa no solo, o tratamento que utilizou três safras por ano agrícola apresentou menores valores de resistência do solo a penetração mecânica, principalmente na camada de 5 -20 cm de profundidade, indicando ambiente mais favorável para o desenvolvimento radicular das culturas. O calcário incorporado obteve os melhores resultados de resistência a penetração quando comparado com o calcário aplicado em superfície, principalmente na camada que entre 0,07 a 0,20 m de profundidade

Apoio: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)

Palavras-chave: compactação do solo; sistema plantio direto; estratégias de manejo

Rendimento de milho (*Zea mays*) em resposta a forma de aplicação de calcário e ao dispositivo utilizado na semeadora

Fabiele Aparecida Garcia Vedana¹; Marta Sandra Drescher; Vinicius Batista Brum

¹ Universidade Estadual do Rio Grande do sul (Uergs), fabiele-vedana@uergs.edu.br; marta-drescher@uergs.edu.br; vinicius-brum@uergs.edu.br

A produtividade das culturas está muito ligada ao crescimento radicular, raízes mais profundas sofrerão menos com déficit hídrico pois conseguem explorar um volume maior de solo. Este trabalho teve como objetivo avaliar os benefícios da aração na incorporação de calcário e do uso de haste sulcadora sobre o rendimento da cultura do milho. O ensaio de campo foi realizado na estação experimental da Coopatrigo, em delineamento experimental de blocos ao acaso com quatro repetições. Os tratamentos foram distribuídos em parcelas subdivididas, na qual na parcela principal foram alocadas formas de correção da acidez, com dois níveis, aplicação de corretivo em superfície e aplicação de corretivo incorporada por aração. Na subparcela foi avaliada a utilização de semeadora equipada com haste sulcadora e semeadora com discos duplos defasados. Para avaliação dos efeitos dos tratamentos sobre o rendimento de milho foi realizada a colheita manual das parcelas inteiras, sendo avaliados o comprimento da espiga; número de grãos por fileira, diâmetro da espiga; peso de mil grãos e rendimento de grãos em Kg/ha. Os resultados obtidos foram submetidos ao teste de Lilliefords para verificação da normalidade e de Cochran para homogeneidade de variâncias. Em seguida foi realizado à análise de variância e o teste de hipóteses, para a interação entre os fatores alocados na parcela principal e na subparcela, os resultados foram comparados pelo teste de Tukey a um erro de 5%, os resultados obtidos através da coleta das amostras por parcela evidenciam um acréscimo na produção quando comparamos o calcário incorporado com o calcário em superfície. O calcário incorporado apresentou um melhor resultado, tendo em vista a característica de baixa mobilidade no perfil do solo que os corretivos apresentam, essa baixa solubilidade em água pode justificar esse resultado, pois quando incorporado a cultura encontrou um ambiente mais favorável a seu desenvolvimento. A utilização da haste sulcadora proporcionou incremento da produção de milho possivelmente pela descompactação do solo na linha de semeadura, o que permitiu um melhor desenvolvimento do sistema radicular possibilitando o acesso a água e nutrientes.

Apoio: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)

Palavras-chave: descompactação do solo; estratificação física; estratificação química

A horta da vó: Projeto de extensão no lar do idoso São Vicente de Paula em São Luiz Gonzaga-RS

Silvia Araujo da Silva¹; Rafael Narciso Meirelles; Mikely Matos dos Santos

¹ Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), silvia-silva@uergs.edu.br; rafael-meirelles@uergs.edu.br; mikely-santos@uergs.edu.br

As hortas comunitárias garantem uma qualidade de alimentação melhor para aqueles que se envolvem, uma vez que se relacionam com hábitos mais saudáveis, gerando uma qualidade de vida melhor. Para idosos, o impacto de hortas comunitárias é maior. Muitas doenças são recorrentes de uma má alimentação e isso se agrava com o passar da idade. Também, é importante ressaltar que além de doenças físicas, os idosos são mais suscetíveis a depressão, decorrente muitas vezes da falta de atividades. Sendo assim, além de produção de alimentos mais saudáveis, em asilos as hortas contribuem na parte lúdica, ajudando afastar o tédio, criando objetivos e promovendo a relação com outras pessoas. Outro ponto importante, é que atividades relacionadas à terra promovem o contato com a natureza e, muitas vezes, remete os praticantes ao seu passado, principalmente em São Luiz Gonzaga, que é uma cidade eminentemente rural. Desta forma, o objetivo do projeto foi desenvolver e manter a horta comunitária no lar São Vicente de Paula, em que se semeia, planta e colhe vegetais que sirvam para alimentação e condimentos aromáticos e medicinais. Também, ensinar e aprender práticas de olericultura, realizar contato entre os acadêmicos do curso de Agronomia da Uergs com os residentes no lar, criar um cronograma da horta e fornecer aos estudantes a possibilidade de realizar uma atividade de extensão com um público com idade que comumente não frequenta a universidade. Além da importância aos idosos, o projeto de extensão traz benefícios como inserção social, aproximando a Universidade das intuições, com ganhos educacionais aos acadêmicos que participam, trazendo pautas de discussões. O trabalho foi organizado em etapas, iniciando em março de 2022, quando foi realizado um planejamento juntamente com a nutricionista. Neste, foram escolhidos os vegetais para a alimentação, para montagem de um cronograma de plantio, manutenção e colheita. Também, foram consultados os moradores, que opinaram sobre as espécies aromáticas e medicinais a serem plantados. Posteriormente, iniciaram os plantios, manutenção da horta e colheitas. Ainda, foi criada uma pilha de compostagem, dando uma finalidade para os rejeitos da cozinha do local, e gerando fertilizante para as plantas cultivadas. Em uma terceira etapa, foi realizada a avaliação do trabalho, juntamente com a troca de experiências com os moradores. Até o momento, da horta foram colhidas couve conforme a demanda, alface (aproximadamente 70 unidades), pimentão (30 unidades), cebolinha e salsa (diariamente, sob demanda), cenoura (40 unidades), ervilhas (3 kg), capuchinha (sob demanda), brócolis (20 unidades), couve-flor (10 unidades), repolho (20 unidades), além de plantas que estão iniciando a colheita na primavera de 2022, como tomate, abobrinha, morangos, rúcula, beterraba, também ervas medicinais e aromáticas como cidreira, poejo, alecrim, boldo, manjeriço, lavanda entre outros. Foram beneficiados 65 idosos. Até o presente momento, doze estudantes se envolveram com a horta, sendo onze deles voluntários atuando pelo menos uma vez por semana.

APOIO: Bolsa pelo Edital Probex 01/2022. Projeto código 677.

Palavras-chave: horta comunitária; olericultura; asilos.

2º Meliponicultura Gaúcha em Foco

Mikely Matos dos Santos¹; Rafael Narciso Meirelles

¹ Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), mikely-santos@uergs.edu.br; rafael-meirelles@uergs.edu.br

As abelhas são as principais polinizadoras no mundo, responsáveis pela reprodução de plantas fundamentais na preservação ambiental, além de vegetais utilizados na alimentação humana. No entanto, mesmo com a significativa importância, sua existência é ameaçada gradativamente, pela destruição de seu habitat, devido a urbanização crescente, desmatamento e queimadas, por exemplo, e por causa do uso excessivo de agrotóxicos em áreas agrícolas. As abelhas sociais nativas (conhecidas comumente como melíponas, abelhas-sem-ferrão ou abelhas indígenas), por sua vez, não possuem ferrão, e sua criação se chama meliponicultura. A criação destes insetos de forma racional pode ser uma forma de preservação destas espécies. Como a maioria dos meliponicultores são iniciantes e possuem pouco conhecimento científico formal, eles tendem a buscar informações em fontes mais acessíveis, como sites e grupos em aplicativos de mensagens e redes sociais. Desta forma, eventos gratuitos on-line possuem grande apelo, e as gravações se tornam fontes de consulta, que aproximam a academia dos criadores, possibilitando a passagem de conhecimento e técnicas de forma rápida e democrática. Neste sentido, um evento foi realizado gratuitamente e de forma online, chamado Meliponicultura Gaúcha em Foco, visando alcançar os meliponicultores, independentemente de sua localidade. O objetivo deste trabalho, portanto, foi fazer um relato de um evento realizado de forma remota, voltado para meliponicultores do Rio Grande do Sul. A divulgação foi toda realizada em grupos de criadores no Facebook e do aplicativo de mensagens WhatsApp, sendo que após compartilhar uma única vez pela equipe organizadora, os próprios integrantes dos grupos fizeram amplo compartilhamento. O primeiro evento, foi realizado em 2021, e os vídeos no Youtube já foram visualizados mais de 1300 vezes. A segunda edição ocorreu nos dias 21 e 22 de setembro de 2022, transmitido no canal do Laboratório de Pesquisa com Insetos Benéficos (LAPIB) no Youtube. Foram três palestrantes em cada dia, duração de duas horas entre as falas dos convidados, debates e respostas às perguntas do público. Os palestrantes convidados no primeiro dia do evento foram Décio Gazzoni, Soraia Bauermann e Jerônimo Villas Bôas, contando com 60 espectadores simultâneos, 89 acessos durante as palestras, com 122 mensagens no chat da plataforma de vídeo. No segundo dia as palestrantes foram Patrícia Nunes Silva, Thiandra Cristina Sangaletti e Isabela Cardoso Fontoura, resultando em 68 acessos simultâneos, 93 acessos durante o período das palestras, e 68 mensagens. Os vídeos do evento somam (até novembro de 2022) mais de 730 visualizações. Este tipo de evento apresenta ao público o conhecimento de profissionais capacitados em sua área, trazendo informações seguras aos meliponicultores já consolidados na área e aos que estão iniciando sua criação. Apesar de não fornecer certificado, a procura pelo Lapib por informações após o evento é grande, mesmo muitos dias após a publicação do vídeo das palestras gravadas, levando a crer que este tipo de ação de extensão tem relevância para os criadores sanarem suas dúvidas.

Apoio: Bolsa pelo Edital Probex 01/2022. Projeto código 685.

Palavras-chave: Abelhas-sem-ferrão; *Melipona*; extensão.

Substrato de nidificação de abelhas sociais em áreas com diferentes ocupações no Noroeste do Rio Grande do Sul

Patricia de Oliveira Padilha¹; Rafael Narciso Meirelles; Alessandra Rosa de Oliveira; Arthur Castro do Rosario Filho; Paola Ramos Simões Pires²

¹ Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), Patricia-padilha@uergs.edu.br; rafael-meirelles@uergs.edu.br; alessandra-oliveira@uergs.edu.br; arthur-filho@uergs.edu.br; ²Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, paola.simoesp@gmail.com

O trabalho de polinização das abelhas atinge a todos, de forma direta ou indireta, pois cerca de 35% do alimento no mundo é produzido através deste processo, podendo chegar a 80% a sua influência na produção de sementes de árvores em alguns ambientes, como é o caso da Mata Atlântica. Apesar de tamanha importância desses insetos, muitas ameaças estão fazendo com que diminuam seus habitats e até ocasionando sua morte, como desmatamento, o uso excessivo e errôneo de agrotóxicos e, o aumento da urbanização. Isso tudo pode causar a extinção de diversas espécies. Existem abelhas especialistas e abelhas generalistas na busca por substratos de nidificação. Algumas abelhas sociais conseguem se beneficiar de uma grande diversidade de plantas, surgindo a possibilidade de se desenvolverem em área urbana ou em áreas de mata, enquanto outras necessitam de espécies vegetais em condições exatas para se estabelecerem. Assim, o objetivo deste projeto é avaliar os principais substratos de nidificação de meliponídeos nativos sem ferrão, visando a preservação das populações de abelhas e a recuperação das espécies mais ameaçadas. Para identificar os substratos de nidificação são realizadas caminhadas aleatórias em matas registrando ninhos através da movimentação das abelhas, fazendo registros fotográficos e identificando a espécie vegetal que serve de substrato de nidificação. Quando um ninho é encontrado, a planta é identificada, abelhas são coletadas para verificação da espécie, e são aferidos o diâmetro do tronco na altura do peito e a altura da entrada do ninho. Quando o ninho for encontrado em meio a rochas ou no solo, apenas o registro fotográfico e a identificação do inseto são realizados. O mesmo procedimento ocorre na área urbana, observando árvores em praças e vias, além de construções, como muros ou casas. Até o momento foram feitas duas visitas a unidades de conservação (Parque Estadual do Turvo e Parque Estadual do Espigão Alto), em duas matas em meio a plantações e na área urbana no município de São Luiz Gonzaga. Foram identificados mais de 50 ninhos até o momento, com pelo menos cinco gêneros de abelhas nativas sem ferrão (*Tetragonisca*, *Scaptotrigona*, *Lestrimelitta*, *Tetragona* e *Plebeia*), além da espécie exótica *Apis mellifera*. A primavera de 2021 e o ano de 2022 se mostraram atípicos, com dias frios e excesso de chuvas na época das floradas, com posterior estiagem, o que diminuiu a atividade dos enxames, dificultando a identificação nas matas. A previsão de término do projeto é dezembro de 2023.

APOIO: Projeto Abelhas Missionárias, apoiados com recursos provenientes dos passivos ambientais da Reposição Florestal Obrigatória (RFO), financiado pela ENEL, e cadastrado na PROPPG com nº 15621-1.

Palavras-chave: abelhas-sem-ferrão; polinizadores; habitat.

Levantamento de ninhos de abelhas sociais na zona urbana em meio ao mar de soja de São Luiz Gonzaga-RS

Lauren Nathiely Garcia Uhlmann¹; Rafael Narciso Meirelles; Taís Tainá de Menezes Valentim; Adriela Ferreira da Silva; Paola Ramos Simões Pires²

¹ Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), lauren-uhlmann@uergs.edu.br; rafael-meirelles@uergs.edu.br; taistainamenezes@gmail.com; adriela-silva@uergs.edu.br; ²Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, paola.simoesp@gmail.com

As abelhas (Hymenoptera) são insetos de grande importância ecossistêmica, sendo os principais e mais aptos agentes polinizadores, pois dependem exclusivamente das flores para obter todos os seus recursos alimentares e, com isso, garantem a reprodução e perpetuação de diversas espécies de plantas de interesse econômico, além de espécies nativas, garantindo a manutenção dos biomas. A polinização é, portanto, seu principal produto econômico. Porém, atualmente as populações de abelhas estão em declínio devido a fatores antrópicos, como o uso de pesticidas, os desmatamentos, queimadas, poluição, aquecimento global, dentre outros problemas. Esses impactos ambientais são responsáveis pela destruição de locais de nidificação, que podem afetar a dinâmica populacional e o desaparecimento de abelhas. Na região Noroeste do Rio Grande do Sul, muitas espécies de abelhas sociais migram em busca de novos locais em decorrência da expansão da fronteira agrícola, principalmente para o plantio de soja (*Glycine max*), recorrendo assim, em muitos casos, às cidades. Nesse sentido, o objetivo do trabalho foi realizar um levantamento de locais de nidificação de abelhas sociais na zona urbana de São Luiz Gonzaga, Noroeste do RS. A metodologia utilizada para a realização das identificações de ninhos foi observar o movimento de abelhas próximos às árvores, solo ou construções, em praças, parques, cemitério e vias públicas. Os ninhos de abelhas encontrados foram fotografados e alguns indivíduos coletados com auxílio de rede entomológica, sacrificados em câmara mortífera com acetato de etila, acomodados em tubos Falcon com álcool a 70% e levados ao laboratório para identificação a nível de gênero. Os substratos arbóreos foram identificados em espécie, e aferidas as medidas de diâmetro na altura do peito (DAP), e a altura da entrada do ninho. Foram identificados 87 ninhos de abelhas sociais, sendo 62 deles em alvenaria, 23 em árvores e dois ninhos no solo. Ao todo, foram identificados cinco diferentes gêneros de abelhas: *Plebeia*; *Scaptotrigona*; *Tetragonisca*; *Apis* e *Listremelitta*. Além disso, oito espécies de árvores: *Ligustrum lucidum*; *Peltophorum dubium*; *Cupressus smpervirens*; *Tipuana tipu*; *Yucca elephantipes*; *Melia azedarach*; *Patagonula americana*; *Platanus occidentalis*. O DAP médio foi de 2,13 m. A maior associação abelha-substrato foi o gênero *Plebeia* em alvenaria (38 ninhos). A árvore com maior número de registros foi *L. lucidum*, e o gênero de abelha mais frequente em troncos foi *Tetragonisca*, seguido de *Scaptotrigona*. Estes dados sugerem que a área urbana serve de refúgio para estas abelhas. Além disso, é possível produzir uma lista de árvores de interesse para nidificação para abelhas para recomendações em arborização urbana e compensações ambientais.

APOIO: Projeto Abelhas Missioneiras, apoiados com recursos provenientes dos passivos ambientais da Reposição Florestal Obrigatória (RFO), financiado pela ENEL, e cadastrado na PROPPG com n° 15621-1.

Palavras-chave: Polinização; nidificação; substrato.

Formação de novos meliponicultores na região histórica das Missões-RS

Arthur Castro do Rosario Filho¹; Rafael Narciso Meirelles; Lauren Nathiely Garcia Uhlmann; Patricia de Oliveira Padilha

¹ Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS); arthur-filho@uergs.edu.br; rafael-meirelles@uergs.edu.br; lauren-uhlmann@uergs.edu.br, patricia-padilha@uergs.edu.br

O número de insetos polinizadores, principalmente as abelhas, têm diminuído significativamente na região das Missões, no Noroeste do estado do Rio Grande do Sul, tanto em relação a sua quantidade populacional, quanto na diversidade de espécies existentes. Tal fenômeno ocorre devido a uma somatória de fatores. No entanto, o mais significativo são as práticas agrícolas convencionais, como as grandes quantidades de fertilizantes e agrotóxicos utilizados. A meliponicultura é uma atividade que consiste em criar abelhas sociais nativas sem ferrão, mas sendo executada de forma racional a fim de obter produtos como mel, própolis, cera ou o próprio enxame. Todavia, o produto principal das abelhas é o serviço de polinização, o qual garante o sucesso produtivo no campo e a preservação de espécies vegetais e, conseqüentemente, garantem a variabilidade genética de diversas culturas de interesse ecológico ou econômico. O meliponicultor, por sua vez, é o praticante da meliponicultura, podendo desenvolver tal atividade a nível profissional. Quando realizada de forma racional, a criação dessas abelhas pode se tornar uma ação promotora da preservação das espécies. Porém, a atividade da meliponicultura na região é incipiente, não atingindo patamares produtivos que garantam a abertura de canais de comercialização, sendo ainda executada amadoramente. Portanto é importante que se aumente o número de meliponicultores e meliponários, para que se crie um fenômeno em cadeia para a preservação destes insetos. Desta forma, este projeto de extensão teve como objetivo formar e capacitar novos criadores de abelhas nativas sem ferrão. Foram formados dois grupos de novos meliponicultores, sendo que alguns já possuíam experiência como apicultores, nos municípios de São Pedro do Butiá e Santo Antônio das Missões. Foram beneficiadas, diretamente, 25 famílias. Duas reuniões ocorreram no mês de setembro de 2022, e o assunto foi a construção de iscas para captura de abelhas jataí (*Tetragonisca fibrigi*). Foram abordados assuntos como a importância da atividade para a preservação das abelhas e do meio ambiente, bem como manejos importantes para a condução das colmeias. Cada grupo dos treinamentos recebeu material para confecção de cinco iscas, além de uma garrafa de 200 ml de atrativo para abelhas-sem-ferrão. O processo foi explicado e realizado com os participantes, explicando e sanando as dúvidas. Eles ficaram responsáveis pela instalação do material em suas propriedades. Após a captura dos enxames, o projeto dará seus próximos passos, que será ensinar a realizar a transferência dos ninhos para as caixas, e os manejos necessários para manutenção dos ninhos. Cada família receberá cinco caixas modelo INPA. Ainda, os criadores serão acompanhados por um período de três anos a fim de construir e trocar conhecimento referente a atividade.

APOIO: Projeto Abelhas Missionieras, apoiados com recursos provenientes dos passivos ambientais da Reposição Florestal Obrigatória (RFO), financiado pela ENEL, e cadastrado na PROPPG com n° 15621-1.

Palavras-chave: jataí; polinização; meliponário.

Visitantes florais e flora de interesse para abelhas em uma área remanescente de Pampa em São Luiz Gonzaga

Alessandra Rosa de Oliveira¹; Rafael Narciso Meirelles; Patricia de Oliveira Padilha, Mardiore Pinheiro²

¹ Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), alessandra-oliveira@uergs.edu.br; rafael-meirelles@uergs.edu.br; patricia-padilha@uergs.edu.br; ²Universidade Federal da Fronteira Sul, mardiore.pinheiro@gmail.com.

As abelhas são consideradas as principais agentes polinizadoras, pois elas dependem das flores para sua sobrevivência e muitas espécies vegetais são dependentes da sua polinização para realizar a produção. Entretanto, a população destes insetos vem diminuindo nos últimos anos no mundo todo e ameaçando a sobrevivência de todos os biomas brasileiros. O bioma Pampa, por sua vez, que Brasil está restrito apenas ao estado do Rio Grande do Sul, é caracterizado por uma extensa área de campo natural, e possui uma diversidade de paisagens e espécies presentes. Neste sentido, o presente projeto tem como objetivo avaliar a riqueza e abundância de flora apícola em uma área remanescente de Pampa no município de São Luiz Gonzaga, no Noroeste do RS. A paisagem da região é dominada por grandes áreas agrícolas, expostas às tecnologias propostas pela Revolução Verde, a qual faz grande uso de agrotóxicos e são prejudiciais às abelhas. O estudo está sendo realizado na área da Escola Técnica Estadual Cruzeiro do Sul. O espaço tem 25 ha e é composto por campo nativo, limitado ao Sul e Leste por plantações diversas e ao Norte e Oeste pela zona urbana. O levantamento de dados da flora e das abelhas é realizado através de trilhas com 2.000 metros de comprimento, sendo que todas as plantas presentes na trilha que forem visitadas por abelhas são amostradas. As coletas no local estão sendo realizadas desde agosto de 2022, uma vez por semana, manhã e tarde. Os insetos são capturados com rede entomológica, sacrificados em acetato de etila, etiquetados e levados para laboratório para posterior identificação com auxílio de chaves dicotômicas. A planta que a abelha estava visitando também é coletada e identificada, e o recurso coletado é registrado, assim como o horário da visualização. As observações nas flores ocorrem por cinco minutos. Dentre os resultados preliminares, pode ser destacada a predominância de *Apis mellifera*, mas também a ocorrência de outras espécies sociais nativas, como *Tetragonisca fiebrigi*, *Trigona spinipes* e, abelhas dos gêneros *Plebeia* e *Scaptotrigona*, além de abelhas solitárias. Também foram registradas 48 espécies vegetais com flores, sendo 11 visitadas por abelhas. Os insetos serão ainda montados e, no final do projeto, previsto para final de 2023, depositados na coleção do Museu Ramiro Gomes Costa da Secretaria de Agricultura Pecuária e Irrigação. O principal produto a ser gerado através desta pesquisa é a elaboração de um “Catálogo de plantas utilizadas como fonte de recursos florais para meliponíneos e *Apis mellifera* na região das Missões”.

APOIO: Projeto Abelhas Missioneiras, apoiados com recursos provenientes dos passivos ambientais da Reposição Florestal Obrigatória (RFO), financiado pela ENEL, e cadastrado na PROPPG com n° 15621-1.

Palavras-chave: calendário floral; flora apícola; Meliponini.

Estabelecimento de biofábrica de *Euschistus heros* e de *Telenomus podisi* em São Luiz Gonzaga-RS

Adriela Ferreira da Silva¹; Rafael Narciso Meirelles; Alessandra Rosa de Oliveira; Tais Tainá de Menezes Valentim; Cinei Teresinha Riffel²

¹ Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), adriela-silva@uergs.edu.br; rafael-meirelles@uergs.edu.br ; alesandra-oliveira@uergs.edu.br; tais-valentim@uergs.edu.br; ²Sociedade Educacional Três de Maio (SETREM), cinei@setrem.com.br

A espécie *Euschistus heros*, (Hemiptera, Pentatomidae), conhecida como percevejo-marrom, ocorre em toda América do Sul, em especial nas regiões com temperaturas mais elevadas. Em média, desenvolve-se do ovo a fase adulta em 25 dias e podem alcançar cerca de 116 dias de longevidade. O percevejo-marrom inicia a alimentação a partir do segundo instar, e somente após o terceiro instar de desenvolvimento começa a causar danos na cultura da soja e pode completar até três gerações em um único ano, dependendo das condições ambientais e da disponibilidade de alimento. É um inseto sugador, tem a soja como seu principal hospedeiro, e devido ao seu hábito alimentar tem um enorme potencial de causar prejuízos, uma vez que ao sugar diretamente os grãos reduz a produção e a qualidade das sementes. Apesar do controle químico ser o mais utilizado, que é mais danoso ao ambiente, existem alternativas de manejos que possibilitam a redução da densidade populacional da praga de forma ambientalmente sustentável. O controle biológico, utilizando agentes como a microvespa *Telenomus podisi* (Hymenoptera, Scelionidae), atua parasitando os ovos, matando e dando origem a novos parasitoides que darão continuidade no controle. Estes insetos podem ser liberados a campo como adultos ou ovos parasitados, e se trata de uma ferramenta de grande importância para o manejo integrado de pragas (MIP), pois auxilia na sustentabilidade do cultivo e manejo da resistência aos inseticidas. Sendo assim, esse projeto de pesquisa teve por objetivo desenvolver metodologias de criação de inimigos naturais de pragas da soja e popularizar o controle biológico como estratégia chave no MIP. A criação, mantida em sala climatizada ($25 \pm 2^\circ$ C, 14 horas de fotofase e $65 \pm 10\%$ UR), consistiu no desenvolvimento de ovo até a fase adulta, e para isso os percevejos foram acondicionados em caixas plásticas com abertura para ventilação em tecido *voile*. Foram separados os adultos das ninfas após a eclosão dos ovos. A alimentação, vagens de feijão e amendoim, e água eram fornecidos *ad libitum*. Os percevejos matrizes foram adquiridos através de compra de outro laboratório e chegaram na terceira geração. A partir da sexta geração, a mortalidade aumentou em taxas acima dos 15% a cada geração. Atualmente, a criação está na oitava, mas com a saída da diapausa dos insetos no campo, iniciaram as coletas para inserir indivíduos novos. Com a estabilização da criação, esperada ainda para o início do próximo ano, pretende-se iniciar a criação de *T. podisi*. Dentre as próximas etapas do projeto, estão previstos treinamentos de técnicos de campo e liberações de parasitoides para a safra 2023/2024 em áreas previamente escolhidas como pilotos. Este projeto é parceria entre UERGS e Sociedade Educacional Três de Maio – SETREM.

APOIO: Inovatec-UERGS, Edital 01/2022 Probiop Proppg; Projeto “Rede de controle biológico da Região Noroeste e Missões do Rio Grande do Sul”,

Palavras-chave: controle biológico; soja; manejo integrado de pragas.

ÍNDICE DE AUTORES

Abigayll Santos Baierle	05, 40, 41, 42
Adriela Ferreira da Silva	52, 55
Alessandra Rosa de Oliveira	51, 54, 55
Amábili Giseli Ohlweiler Braga	08
Amanda Garcia Mousquer	39
Andressa Pedroso Carlotto de Souza	05, 40, 41, 42
Arisa Araujo da Luz	22, 26, 27, 29, 31
Arthur Castro do Rosario Filho	51, 53
Beatriz Duarte Pereira	32, 38
Bruna de Souza Ferreira	32
Bryan Leal de Melo	27, 29
Célia Júlia do Nascimento Rodrigues	35
Cinei Teresinha Riffel	55
Cristiane Barcellos Bocacio	12, 39
Daniely Casagrande Borges	02, 05
Danni Maisa da Silva	34
Eduarda Letícia Ruaro	05, 40, 41, 42, 43
Eduarda Paniz Fontoura	46
Fabiele Aparecida Garcia Vedana	47, 48
Fernanda Leal Leães	02, 05, 40, 41, 42, 43
Flávia Dornelles Gomes	40
Gizelly Vicente Salvador	08
Jackson Luis dos Santos Schmitz	44
Jaine Diniz dos Santos	43
Jaine Machado Ferreira	31
Juliana Terezinha de Oliveira	33
Juliano Ferreira Dutra	44
Lauren Nathiely Garcia Uhlmann	52, 53
Luana de Matos Rodrigues	35
Luciane Sippert LanzaNova	33, 34
Luzimar Diniz Flores	22, 29
Maiúme Ortiz Batista	26
Marcelize Carvalho Fabrício	22
Mardiore Pinheiro	54
Mariane Suriel de Almeida Pereira	16
Marta Sandra Drescher	46, 47, 48
Mastrângello Enivar LanzaNova	33, 34
Matheus Venquiaruti	26, 27
Mikely Matos dos Santos	49, 50
Mileidi Custodio da Silveira	30
Neila Ana Provenzi	38

Paola Ramos Simões Pires	51, 52
Patricia de Oliveira Padilha	51, 53, 54
Rafael Narciso Meirelles	05, 40, 41, 42, 43, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55
Rafaela Fraga Beltrão	36
Ramiro Pereira Bisognin	34
Rita Cristine Basso Soares Severo	08, 12, 16, 28, 30, 35, 39
Rosicler Alonso Backes	44, 45
Salete Mendes de Oliveira	28, 29
Sandro Feijó Matos	44, 45
Silvia Araujo da Silva	49
Stéfanie da Silva Santos	32
Taís Tainá de Menezes Valentim	52, 55
Themis Karine Dutra Menegazzi	19
Tuisi Rossini	34
Valéria Tanise de Quadros Moraes	37
Vinicius Batista Brum	47, 48
Viviane Maciel Machado Maurente	19, 32, 36, 37



Este compilado de resumos foi editado e revisado de forma voluntária. É fruto da Universidade pública e pode ser compartilhado e ter seu conteúdo utilizado, desde que citada a fonte.